



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS DE CASTANHAL**  
**FACULDADE DE PEDAGOGIA**  
**PARFOR – PEDAGOGIA**

**MARIA LUIZA DA SILVA MENDONÇA**

**O USO DA “PARÓDIA” NAS PRÁTICAS DE LEITURA: Uma Análise a Partir do Olhar dos Alunos do 3º Ano (1º Ciclo) de Uma Escola Pública de Castanhal (PA)**

Castanhal – PA  
2018

MARIA LUIZA DA SILVA MENDONÇA

**O USO DA “PARÓDIA” NAS PRÁTICAS DE LEITURA: Uma Análise a Partir do Olhar dos Alunos do 3º Ano (1º Ciclo) de Uma Escola Pública de Castanhal (PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de V. Chaves

Castanhal – PA  
2018

MARIA LUIZA DA SILVA MENDONÇA

**O USO DA “PARÓDIA” NAS PRÁTICAS DE LEITURA:** uma análise a partir do olhar dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) de uma escola pública de Castanhal (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientado pelo Profº Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

CONCEITO: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profº. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves - Orientador

---

Profª Luizete Cordovil Ferreira da Silva – Avaliadora

---

Profª Dra Eula Nascimento – Avaliadora

## AGRADECIMENTOS

À DEUS, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos, pelo estímulo de paz e harmonia neste momento tenso. Graças aos céus, mais um ciclo terminado conforme a vontade dele.

Aos meus irmãos, José Maria Mendonça, e Francisco Chagas da S. Mendonça (in memória), pela cumplicidade nos momentos que ajudaram o meu ser através dos sorrisos e notas de estímulo a tornar-me cada vez mais e nunca menos na busca por alcance intelectual. Elogiaram quando eu não merecia, compreenderam quando não precisava. Estavam sempre presentes, quando os ventos mostravam-se atroz.

A meus primos Manoel José da Silva (in memória), sobrinhos Antônio Marcos e Marcos Vinícius da Silva Mendonça.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves, a quem agradeço imensamente por ter aceitado orientar este trabalho e ajudar-me a fazer as descobertas do estudo, as correções, e discussões, pelo encaminhamento na direção de muitos assuntos desconhecidos por mim, fundamentais para o meu crescimento emocional e intelectual.

Aos Professores Dr Francisco dos Anjos e Dra Eula Nascimento, meus sinceros agradecimentos por todas as lições, pelas pessoas que são, humanas, desafiadoras, inteligentes, admiráveis, sinceros, francos, diretos, sagazes, ensinaram-me entre inúmeras coisas, o quão importante é a dedicação em tudo que fazemos em nossa constante e importante busca, o conhecimento.

A minhas amigas de turma Iva Guedes, Luciana Maria, Leida Maria, Ruthimere, Filomena Barros da Silva, e em especial a Alda e Cintia Maria de Oliveira Morães. Muito obrigada a vocês colegas por existirem, eternamente, em mim. Vocês confiaram nas minhas ideias quando todos duvidavam e diziam que os planos não dariam certo.

Ao gestor da “Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof<sup>a</sup>. Graziela Gabriel”, Márcio Rodrigo Diniz Borges, formado em Pedagogia, e as vice-diretoras, Maria Ivanilda de Freitas e Alzenir V. Luna Alencar, ambas Pedagoga, que ao longo de minha formação foram de um apoio incondicional para com orientações para meus estágios, projetos, etc.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta pesquisa, pelo apoio, força, alegria, abraços de paz e enorme carinho.

Obrigada, agradeço comovida por me ajudarem em mais uma difícil empreitada, a **FORMAÇÃO DE PEDAGOGA.**

## DEDICATÓRIA

A meu pai Antônio Rodrigues Mendonça que soube dar-me os ensinamentos de família, de ser correto e ter valores de respeito a vida, aos seres humanos. Pelos conhecimentos sobre a arte musical como herança familiar.

A minha mãe Raulina da Silva Mendonça (in memória), pelo exemplo de mulher e pelo conhecimento autodidata artístico, por me mostrar, tantas e tantas vezes, como se deve ser um ser humano criativo, feliz, alegre. Quais lutas devemos travar, quem devemos combater. Você foi um exemplo de vida instigante e altaneira, mãe. Você foi uma pessoa humana, humilde e dedicada aos mais elevados propósitos sem ter sabedoria escolar. Seu empenho aos cuidados de quem mais precisava era uma fonte perene de estímulo. Agradeço muito, à espiritualidade maior, pela convivência com você.

## EPÍGRAFE

A paródia, que como estratégia do processo educativo, pode ser entendida como uma linguagem que se manifesta pela intertextualidade, e consiste numa forma de recriar e transformar, por meio de algo que já foi criado e que pode ser identificado dentro do processo recriador, além da intenção subversiva, constituída de crítica e ironia, predominantemente reflexiva.

(SCHERER, 2009)

## RESUMO

O trabalho tem como tema “O Uso da “Paródia” nas Práticas de Leitura: uma análise a partir do olhar dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) de uma escola pública de Castanhal (PA)”. Elegeu-se como objetivo geral: analisar, com base no discurso dos alunos do 3º ano (1º Ciclo), como avaliam a utilização do gênero textual paródia como instrumento pedagógico no processo de ensino e de aprendizagem da leitura. Como objetivos específicos: Discutir as contribuições da relação entre ludicidade e leitura por meio da paródia; Destacar os sentidos atribuídos pelos alunos ao uso da paródia como instrumento pedagógico; e, Identificar as contribuições do uso da paródia para o desenvolvimento da leitura. Dá-se como problemática, pois uma parcela considerável da população tem dificuldade em se conseguir livros ou adentrar a uma biblioteca, mesmo que seja denominada de “pública” para ler, por vários fatores como não gostam de ler, não foram estimulados a ser verdadeiros leitores, o que interfere no processo de aprendizagem, ocasionando problemas ou dificuldades de aprendizagem sérias à vida escolar, em relação à aprendizagem da leitura. Justifica-se a pesquisa, pois, os Gêneros Textuais são fortes aliados na busca da leitura com conhecimento crítico, qualidade, entusiasmo, alegria, humor e satisfação. A pesquisa foi bibliográfica, de campo e de natureza qualitativa, onde se obteve os dados através da técnica de entrevista estruturada, com o apoio de um roteiro. Se utilizou diferentes materiais para estudos, teóricos: Aragão (1980), Dell’isola (2007), Ferreira (2004), Freire (2007/), Kishimoto (2011), Kleiman (2002), Marcuschi (2008), Mata (2008), Santa’anna (2007), Solé (2008), Teberosky (2010), Vygotsky (1998). Os resultados da pesquisa na fala dos alunos apontam, que o uso do gênero paródia nas aulas é muito importante, e a contribuição é impar, pois, desenvolve a curiosidade, e tendem a ser fonte de estímulo para produção textual. E ao produzirem o gênero paródia, os alunos percebem ainda que a língua portuguesa não se pauta em construções rígidas ou fechadas, mas que com ela, pode-se criar, aprender e se divertir.

**Palavras-Chave:** Gênero Textual, Paródia, Práticas de Leitura, Processo de ensino e de aprendizagem da leitura.

## ABSTRACT

The work has as its theme "The Use of" Parody "in Reading Practices: an analysis from the view of the 3rd year students (1st Cycle) of a public school in Castanhal (PA)". It was chosen as a general objective: to analyze, based on the discourse of the 3rd year students (1st Cycle), how they evaluate the use of the parody textual genre as a pedagogical instrument in the teaching and learning process of reading. As specific objectives: To discuss the contributions of the relationship between playfulness and reading through parody; Highlight the meanings attributed by the students to the use of parody as a pedagogical tool; and, Identify the contributions of parody use to the development of reading. It is problematic because a considerable part of the population has difficulty in getting books or entering a library, even if it is called "public" to read, because of several factors they do not like to read, they have not been encouraged to be true readers, which interferes with the learning process, causing problems or serious learning difficulties in school life, in relation to reading learning. The research is justified, therefore, the Textual Genres are strong allies in the search of the reading with critical knowledge, quality, enthusiasm, joy, humor and satisfaction. The research was bibliographical, field and qualitative in nature, where the data were obtained through the technique of structured interview, with the support of a script. The authors used different materials for theoretical studies: Aragão (1980), Dell'isola (2007), Ferreiro (2004), Freire (2007), Kishimoto (2011), Kleiman (2002), Marcuschi (2008), Santa'anna (2007), Solé (2008), Teberosky (2010), Vygotsky (1998). The results of the research in the students' speech point out that the use of the parody genre in classes is very important, and the contribution is odd, because it develops curiosity, and tends to be a source of stimulus for textual production. And in producing the parody genre, students realize that the Portuguese language is not based on rigid or closed constructions, but that with it, one can create, learn and have fun.

**Keywords:** Textual genre, Parody, Reading practices, Teaching and learning process of reading.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1. CAPÍTULO I - UM OLHAR SOBRE A LEITURA COMO CONCEPÇÃO ORAL ..</b>	<b>12</b>
1.1. Concepção de leitura no campo da Linguagem e da Educação.....	12
1.1.1. No Campo da Linguagem.....	12
1.1.2. No Campo da Educação .....	13
1.2. Ludicidade como princípio do processo de aquisição da Leitura.....	19
1.3. A Paródia como Instrumento Pedagógico .....	23
<b>2. CAPÍTULO II - DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA ....</b>	<b>28</b>
2.1. O Processo de apropriação da leitura .....	28
2.2. O Processo de apropriação da escrita .....	32
2.2.1. O Desenvolvimento da Habilidade da Leitura e Escrita.....	33
<b>3. CAPÍTULO III - CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>35</b>
3.1. Metodologia da Pesquisa.....	35
3.2. Lócus da Pesquisa.....	36
3.3. Quanto à População e Amostra .....	38
3.4. Quanto à Técnica de Coleta de Dados.....	38
3.5. Quanto à Forma e Tratamento dos Dados .....	39
3.6. Análise, Discussão e Resultado da Pesquisa .....	40
3.6.1. A Percepção das Professoras .....	40
3.6.2. A Percepção dos Alunos.....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Não é de hoje a discussão que afirma a leitura ser exercício de uma parte da população, que embora tenha avançado em vários aspectos, ainda um percentual de brasileiros são colocados fora da possibilidade de acesso a escola que implica no desenvolvimento da capacidade leitora. Nesse sentido, podemos dizer que o desenvolvimento da leitura, enquanto prática sócio-cultural e político-ideológica está intrinsecamente relacionada ao processo educativo escolar e não-escolar.

Apesar de hoje reconhecermos que algumas conquistas expressam as nossas lutas enquanto povo brasileiro, particularmente aquela parcela da população a quem foi e ainda é negado direitos básicos, nem sempre foi assim, até a Renascença, por exemplo, havia uma grande dificuldade em se conseguir livros ou adentrar a uma biblioteca, mesmo que fosse denominada de “pública” para ler.

A falta de acesso ao processo de escolarização produziu um cenário até meados dos anos 2000, que refletiu uma incidência de leitura de jovens e de adultos aquém do que se possa desejar enquanto sociedade do conhecimento. Embora algumas políticas públicas educacionais voltadas para a alfabetização das crianças e de jovens e adultos tenham sido implementadas na última década do século XX e primeira década do século XXI, ainda assim os números de brasileiros analfabetos são expressivos e quando se volta para o estado do Pará, esses números se elevam em relação a outros estados brasileiros.

Com advento da Era Digital, o processo que se instaurou com a entrada do planeta no Terceiro Milênio, a realidade antes descrita começou a se modificar. Com a tecnologia e as modernizações dos computadores e dos aparelhos de celular, assim como os de aparelhos de som, nunca se lera tanto. As aplicações das Tecnologias de Informação e Comunicação mudaram as formas de pensar e atuar da humanidade, transcendendo barreiras físicas e temporais nas relações sociais de modo inimaginável, que fazem com que as práticas de comunicação e interação social tornem-se inerentes ao processo educacional, e o ensino vive um momento revolucionário com reflexos quanto ao ato do ler e escrever.

É cada vez maior o número de educadores que se preocupam com diferentes maneiras de ensinar a Língua Portuguesa, sem “decorebas” ou fórmulas prontas e, principalmente, aliando a oralidade a escrita, fazendo com que os alunos compreendam as diferenças e as semelhanças entre elas e como utilizar as diferentes formas de comunicação, dependendo do gênero textual escolhido.

Nesta perspectiva, justifica-se que os Gêneros Textuais são fortes aliados na busca da leitura com conhecimento, qualidade, entusiasmo, alegria e satisfação. Os alunos, ao desenvolverem diferentes gêneros, tornam-se, não apenas alunos melhores, mas aprenderão a gostar mais da Língua Portuguesa e perceberão como ela está presente no dia-a-dia de cada um. Assim, com a iniciativa de contribuir para a vida escolar dos mesmos, se escolheu o tema “O uso da paródia nas práticas de leitura: uma análise a partir do olhar dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) de uma escola pública de Castanhal (PA)”; por ser o gênero textual, um excelente veículo para se trabalhar em sala de aula a leitura, além de outras aptidões importantes para os alunos, como a criatividade, a musicalidade, o senso crítico, dentre outras.

E ainda a escolha do gênero Paródia se justifica por se poder trabalhar a presença do crítico e do humor, elementos pelos quais os discentes possuem um grande interesse. Além disso, quando um gênero dessa natureza é trabalhado em sala de aula, o avanço alcançado é ainda maior: os alunos aprendem a língua, utilizam a criatividade, desenvolvem a autoestima, por estarem entendendo e utilizando melhor a variedade de linguagem constitutivas da sua cultura.

Dá-se como problemática, pois uma parcela considerável da população tem dificuldade em se conseguir livros ou adentrar a uma biblioteca, mesmo que seja denominada de “pública” para ler, por vários fatores como não gostam de ler, não foram estimulados a ser verdadeiros leitores, o que interfere no processo de aprendizagem, ocasionando problemas ou dificuldades de aprendizagem sérias à vida escolar, em relação à aprendizagem da leitura.

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é: analisar, com base no discurso dos alunos do 3º ano (1º Ciclo), como avaliam a utilização do gênero textual paródia como instrumento pedagógico no processo de ensino e de aprendizagem da leitura.

Como objetivos específicos: Discutir as contribuições da relação entre ludicidade e leitura por meio da paródia; Destacar os sentidos atribuídos pelos alunos ao uso da paródia como instrumento pedagógico; e, Identificar as contribuições do uso da paródia para o desenvolvimento da leitura.

Para tanto, serviram como aporte teórico autores como: Aragão (1980), Benjamin (2012), Dell’isola (2007), Ferreira (2004), Fonseca (2012), Freire (2006/2007), Fronckowiak (2010), Furtado (2008), Kishimoto (2011), Kleiman (1998/2002), Koch (2011), Lajolo (2002), Marcellino (1997), Marcuschi (2008), Mata (2008), Orlandi (2002), Petrolino (2007), Piaget (1994), Ramos (2003), Ronca (1989), Santa’anna (2007), Santos (2009), Solé (2008), Teberosky (2008/2010), Teixeira (1998), Vygotsky (1998) que com o conjunto de suas obras me auxiliaram a analisar as fontes e dados obtidos.

A pesquisa se deu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Graziela Gabriel, localizada na Rua Antônio Freire s/n, no bairro Milagre, no município de Castanhal, cidade do interior da capital paraense com aproximadamente, 68 km da capital Belém.

A abordagem foi bibliográfica, de campo e de natureza qualitativa. Os dados foram coletados a partir da técnica de entrevista estruturada, com o apoio de um roteiro, voltada aos alunos do 3º ano (1º Ciclo) do Ensino Fundamental, para compreender a forma como avaliam a utilização do gênero textual paródia como instrumento pedagógico no processo de ensino e de aprendizagem da leitura.

O estudo está assim organizado:

O capítulo I, cujo título **“UM OLHAR SOBRE A LEITURA COMO CONCEPÇÃO ORAL”**, discorreu sobre Concepção de leitura no campo da Linguagem e da Educação: No Campo da Linguagem, No Campo da Educação, Ludicidade como princípio do processo de aquisição da Leitura, e, A Paródia como instrumento pedagógico.

O capítulo II sob o título **“DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA”**, aborda: O Processo de apropriação da leitura, e O Processo de apropriação da escrita.

O capítulo III **“CAMINHOS DA PESQUISA”**: Metodologia da Pesquisa com os aspectos: Locus da Pesquisa, Quanto à População e Amostra, Quanto à Técnica de Coleta de Dados e Quanto à Forma e Tratamento dos Dados, e finalmente à análise, discussão e resultados, seguido das considerações finais.

Sendo assim, verifica-se que o gênero textual Paródia contribui para o exercício da leitura e da escrita dos alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental, colabora ainda para que as produções textuais também sejam qualificadas. Acredita-se ainda, que os gêneros textuais, sobretudo a Paródia, são imprescindíveis em sala de aula, a fim de desenvolver a prática da leitura e da escrita como forma de trabalhar a língua oral e escrita, entendê-la e proporcionar aos discentes, o instrumento pedagógico de utilização de várias expressões de linguagens representativas da nossa cultura.

## **I CAPÍTULO**

### **1. UM OLHAR SOBRE A LEITURA COMO CONCEPÇÃO ORAL**

Para discutir a importância da paródia como instrumento pedagógico no processo de desenvolvimento da capacidade leitora é necessário nos aproximarmos de outros debates que também contribuem para pensar formas diferenciadas de alfabetizar os alunos. Para efeito de compreensão do fenômeno leitura apresentaremos primeiras algumas contribuições teórico-conceituais do campo da educação sobre leitura. Em seguida agregamos o debate em torno da ludicidade por reconhecermos que ela fortalece a nossa defesa de processos leitores por meio da paródia, haja vista que a partir desse instrumento garantimos um ambiente de prazer, satisfação, de envolvimento dos educandos, abrindo grandes possibilidades de aproximação entre as nossas proposições pedagógicas e o interesse das crianças em participar do que propomos enquanto processo de desenvolvimento, no caso, de desenvolvimento da leitura.

#### **1.1. Concepção de leitura no campo da linguagem e da Educação**

##### **1.1.1. No campo da Linguagem**

Aprender a ler é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento intelectual da criança, entretanto aprender a ler não é tão fácil assim, e apesar do conhecimento que os alunos dos anos iniciais trazem consigo, estes têm que ser formalizado e concretizado na escola, todavia é no ambiente escolar junto com os colegas e professores que o aluno começa a desempenhar suas habilidades para entre outras coisas, ler e escrever formalmente.

Diante disso, nossas considerações teóricas a partir de algumas contribuições acerca da leitura produzidas no campo da linguagem, nos leva a entender a partir de Fonseca (2012) que, a leitura e a produção escrita dos alunos do Ensino Fundamental geram preocupações para os professores de Língua Portuguesa e vêm sendo alvo de estudiosos da linguagem nas últimas décadas. (p. 7)

Conforme o autor acima, a preocupação com a linguagem e automaticamente a leitura é um dado importante, pois ela faz parte de tudo que nos cerca, nas situações do dia-a-dia, logo ela está presente quando vamos a um supermercado comprar um produto, quando lemos a bula de um remédio, uma receita de bolo, a propaganda de um outdoor, as regras de um

jogo, um bilhete recebido, etc. Por conta disso, é preciso preocupar-se em desenvolver uma leitura significativa.

Nisso, a leitura deve estar “carregada de memória”, quem não se lembra de alguma situação de leitura ou história que lhe marcou, seja contada pelos avós ou pais, por aquela professora querida, ou lida de um tipo de gênero e dentre eles a paródia, ou por conta própria em algum momento agradável da criança.

Pode-se dizer assim, que diante de tantos estudos e reflexões sobre os gêneros textuais ao longo dos anos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) trazem dispositivos que pede ao professor uma dinâmica e uma metodologia voltada ao trabalho com gêneros. Significa dizer que a maior entidade educacional do país – Ministério da Educação – está conscientizada de que o ensino deve ser algo dinâmico, contextual e que os alunos precisam conhecer diferentes tipos de textos, sejam orais ou escritos, sejam formais ou informais.

Por se falar do gênero textual paródia, várias são as vantagens que se pode usufruir com o uso das mesmas no processo ensino aprendizagem da língua com textos, na realização discursiva do gênero e uso efetivo da língua/linguagens. O texto da paródia está concretizado em um determinado gênero do discurso/texto, e, este por sua vez, pertence a diversos tipos de discursos associados a vastos setores de atividade social.

Os gêneros textuais “são práticas sócio-históricas que se constituem como ações para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (DELL’ISOLA, 2007, p. 17). Assim, os gêneros textuais concretizam o uso da língua(gem) em forma de textos. Com base nesse pressuposto e movidos pela necessidade de sensibilizar os alunos para a importância do estudo da Língua Portuguesa, defendemos um processo de ensino-aprendizagem que toma a paródia como instrumento importante no processo de estudo da língua real e concretizada nos gêneros textuais, verbais, e nas linguagens artísticas, verbais e não verbais. Para se entender melhor, Dell’isola (2007) “Denomina gêneros textuais, formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos”. (p. 17)

### **1.1.2. No campo da Educação**

Neste mundo cultural, se faz leitura de livros, revista, rótulos, cartazes, embalagens etc. Vivencia-se no cotidiano social, formas diversas de comunicação utilizando-se a escrita da palavra como referência do processo de conhecimento, constituindo-se, também, esse conhecimento em uma forma de aprender a ler.

No mundo contemporâneo, os que não possuem o domínio da palavra escrita proveniente de um processo de escolarização sofrem discriminação e exclusão social. Posto dessa forma acredita-se que a leitura da palavra escrita, é um ato de conhecimento que possibilita-nos conhecer a realidade e a produção cultural historicamente construída por meio de expressão escrita. Assim, por meio da palavra escrita são partilhados sentimentos, pensamentos e interesses, apresentados outros lugares, tempos e culturas, permitindo-nos sonhar e ajudando-nos a pensar. Dessa forma os PCNs (1997) consideram a leitura como:

[...] como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez em quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares. (p.57)

De acordo com isso, a leitura da palavra escrita, está presente em todos os níveis educacionais, é o saber expresso pela escrita. Assim colocado, a leitura de mundo e da palavra escrita para Freire (2007) tem que ter uma dimensão crítica. O leitor não-crítico “funciona como uma espécie de instrumento do autor, um repetidor paciente e dócil do que lê. Não há nesse caso uma real apreensão do significado do texto mas uma espécie de justaposição, de colagem, de aderência”. (FREIRE, 2007, p.113)

A leitura crítica, nesses termos, é aquela em que o leitor se assume como sujeito desvelado do texto, “o leitor crítico é aquele que até certo ponto, “reescreve” o que lê, “recria” o assunto da leitura em função de seus próprios critérios”. Freire (2006), diz que a leitura crítica desvela “problemas, razões de ser, etc. cada vez mais permite a nucleação dos textos de leitura. Neste sentido, ela é ato de conhecer não só o texto que se lê, mas também de conhecer através do texto”. (FREIRE, 2006, pp.113-114)

Para Freire (2006, p.22), ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, é também como vincular o texto/contexto como o meu contexto, o contexto leitor.

A leitura pressupõe ao leitor dialogar com o texto, estabelecer relações entre o contexto do autor e o do aluno, problematizar e reelaborar o lido, ou seja, requer o perguntar, o questionar sobre o que se lê, e não simplesmente o que se lê. Freire (2006) defende que:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de

que, de quem, o contra que, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo. (p.102)

Dessa forma, aprender a ler exige, então, tempo para o diálogo, para a problematização e apreensão do significado das palavras no texto e ainda no contexto vivencial dos alunos. Ninguém dúvida que a criança aprende primeiro a ler do que escrever, pois o processo de leitura é semelhante ao de andar: primeiro, é preciso vivenciar e desenvolver a fase do engatinhar.

Para que essa fase se consolide, a criança precisa se relacionar também, com a leitura, mas de uma maneira prazerosa, fácil e lúdica, com livros sem textos, apenas com imagem que deve provocar o conhecimento e o reconhecimento de objetos ou seres, familiares da criança em seu cotidiano real e comum. Pois o que se verifica nas escolas, é uma pressão muito grande para que a criança aprenda a escrever primeiro, sem desenvolver todo esse processo de leitura. Precisa-se fazer o que Freire (2007) nos ensina:

Trabalhar com a leitura da palavra, mas também com a leitura de mundo. Temos que fazer do livro um instrumento de diálogo entre o mundo da palavra e o da experiência. Do contrário, corremos o risco de formar crianças insensíveis, que são magníficas leitoras de magníficos livros e, no entanto, incapazes de olhar para este mundo que está nos atropelando. Formaremos intelectuais, mas não formaremos cidadãos. E poderemos até voltar àquela mentalidade de vamos salvar através da leitura, usando o livro como forma de cultivo, deleite e distinção social. (p. 22)

Para esse entendimento, deve-se considerar que muitos aspectos podem favorecer a leitura de mundo dos indivíduos, como também o hábito de ler, no entanto, mais uma vez é o educador, o professor que deve compreender e fazer valer o significado da leitura do mundo, através de reflexões sobre as diferenças sociais e culturais que envolvem os educandos nos momentos de leitura e também de compreensão do texto lido, com a compreensão de mundo que Freire (2006, p.20) fala:

A leitura deve ser um instrumental para o educando e educador. Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele... De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2006, p.20)

Nesse contexto, é preciso entender o que defende Freire (2006), a leitura é um procedimento no qual os sujeitos se dispõem de um trabalho ativo de interpretação e compreensão do texto, a partir de seus objetivos anteriores à leitura, de seu conhecimento sobre o assunto, ou ainda, sobre o autor e de tudo que este sabe sobre a linguagem. Desta

maneira, a leitura não é um mecanismo de extrair informações, decodificar letras e palavras. A leitura é uma atividade que exige estratégias de interpretação, antecipação de ideias, inferências de conhecimentos prévios do sujeito sem as quais não é possível a realização de uma leitura perfeita.

Desse modo, é possível entender que a construção do conhecimento dos alunos sobre leitura e escrita se faz através da mediação, do estímulo e deve fazer parte do seu cotidiano, enquanto o educador reflete sobre o desenvolvimento do hábito de ler, para que a leitura se torne significativa e inerente ao aluno, assim como reforça Orlandi (2000, p. 45): “A leitura está inerente à vida do aluno, bem como pode ser usada como uma prática pedagógica para a construção do conhecimento”.

Por este motivo, os educadores, de modo geral, devem reavaliar os projetos que desenvolvem sobre a leitura e escrita ou sobre a maneira mais eficaz para conscientizar, incentivar e desenvolver a prática delas dentro e fora da sala de aula. Para Freire (2006), a conscientização sobre a importância do ato de ler, considerando a leitura como a interpretação e compreensão do mundo, devem ser conduzidas para os níveis de compreensão de um texto, como nível de conteúdo visível, nível da situação social e nível do projeto de escrita do autor.

Segundo Freire (2006), o papel do educador não se limita a criar condições de leitura ou propiciar acesso aos livros. O educador deve, antes de tudo, dialogar com o leitor sobre sua leitura, não perder de vista o sentido, ou possíveis sentidos que o leitor dá a leitura, assim a leitura é um processo de elaboração interna daquilo que é externo e importante para o indivíduo.

Desta maneira, a leitura e a escrita em sala de aula, deve ser instrumento para despertar no leitor o interesse pela palavra escrita e verbalizada, pelas mais variadas realidades do aluno, entendida, tanto pelos educadores quanto pelos educandos, como um instrumento privilegiado através do qual se desenvolve a imaginação e o raciocínio crítico, como meio de contato com outros mundos, um meio de ampliar horizontes, de desenvolver a compreensão do mundo e a comunicação entre as pessoas, uma vez que possibilita a aquisição de diferentes conhecimentos, conceitos e ainda pode despertar diversas emoções.

Freire (1995, p.45) diz “nada ou quase nada se faz no sentido de despertar e manter acesa, viva, curiosa, a reflexão conscientemente crítica, indispensável à leitura criadora, quer dizer, a leitura capaz de desdobrar-se na re-escrita do texto lido”, pois muitas vezes, o aluno é despertado a ler pela capa ou pelo título do livro.

Pode-se dizer, que se os professores se relacionam bem com os livros e com a leitura, certamente o comportamento de quem não gosta de ler, de quem não vê a leitura como importante, útil, é de aversão a ela. A isso, ressalta Kleiman (2002) que:

Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura. (KLEIMAN, 2002, p.34)

Diante da colocação do autor, percebe-se que o educador deve atuar como um mediador entre o aluno e o processo de aquisição da leitura. O educador pode criar, em sua sala de aula, condições para que seus alunos possam ler e conseqüentemente escrever o que leem com compreensão e domínio.

Dessa forma, ao conquistar a prática da leitura e escrita, com prazer e autonomia, tanto o professor, quanto o aluno, estarão ampliando seus conhecimentos, compreenderão que ler é interpretar a vida social, ampliar a visão de mundo, reconhecer o outro e a si mesmo na leitura. Para Freire (2006, p. 22): ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto como o meu contexto, o contexto leitor.

Ao tratarmos de leitura e sua relação com a construção das práticas leitoras, faz-se necessário ressaltar a relação entre a cultura escrita e seu uso social dentro e fora da escola, pois a leitura e a escrita devem sempre ser ensinadas e exploradas pelo viés de seu uso social, possibilitando assim ao aluno uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento real da prática de leitura.

Para tanto, no âmbito de desenvolver a prática da leitura nos educandos os usos e funções da escrita devem ser trabalhados para ampliarem gradativamente a discussão e a posição crítica do aluno com relação ao meio social em que está inserido.

Dito isso, as habilidades de leitura e escrita desenvolvidas com os alunos é importante, pois uma vez inserido na cultura do mundo letrado o aluno já possui conhecimentos prévios que podem ser utilizados na construção de novos conhecimentos pela mediação do professor no ambiente escolar.

O aprendizado e o desenvolvimento da leitura e da escrita ocorrem parte no cotidiano, no nosso dia a dia, e parte por meio de atividades sistemáticas na escola, com a utilização de reflexões sobre as práticas de nossa cultura....O desenvolvimento das competências de leitura e de escrita dependem também da intervenção criativa, crítica e funcional do professor que planeja atividades e

práticas de leitura e escrita que sejam prazerosas e significativas para os alunos. (KLEIMAN, 1998, pp. 18-19)

Desta forma, o aluno pratica cotidianamente, seja mediado ou individualmente, a leitura do mundo que o rodeia e, a escola deve valorizar o conhecimento prévio trazido pelo aluno e utilizá-lo para despertar suas experiências diárias, deixando-o atento para um olhar crítico na observação da cultura letrada de que faz parte dentro e fora da escola, como ressalta Vygotsky (1998):

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar. [...]. (VYGOTSKY, 1998, p.110)

Nessa perspectiva, pode-se dizer que se o aluno é carente de um ambiente totalmente letrado faz-se necessário à escola promover a interação significativa dele com o meio da língua escrita, de maneira mais ampla do que já conhece.

Dito assim pelo autor entende-se que explorar a prática da leitura e também da escrita a partir da leitura do mundo propicia aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos sobre o uso destes de forma social e funcional, gerando uma aprendizagem significativa de leitura de símbolos verbais ou não verbais cotidianamente, ou seja, aprendem a ler o mundo em que vivem.

Diante do exposto, pode-se dizer que no mundo contemporâneo, os que não possuem o domínio da leitura e da escrita sofrem discriminação e exclusão social, pois a leitura da palavra escrita é um ato de conhecimento que possibilita-nos conhecer a realidade e a produção cultural historicamente construída por meio de expressão escrita, onde são partilhados sentimentos, pensamentos e interesses, apresentados outros lugares, tempos e culturas, permitindo-nos sonhar e ajudando-nos a pensar.

Finalmente, acredita-se que a leitura pressupõe ao leitor dialogar com o texto, estabelecer relações entre o contexto do autor e o seu, problematizar e reelaborar o lido, ou seja, requer o perguntar, o questionar sobre o que se lê, o criar e recriar a palavra e consequentemente ir produzindo sua escrita.

## 1.2. Ludicidade como princípio do processo de aquisição da Leitura

O lúdico no processo de ensino-aprendizagem se dá através do uso das brincadeiras, dos jogos, brinquedos das linguagens artísticas (dança, teatro, artes visuais, literatura e música), das atividades lúdicas que podem estar presente no dia-a-dia dos alunos, pois é uma maneira de usá-los como instrumento para levá-los a criar sua própria personalidade, para que se tornem crianças mais afáveis e que venham a se relacionar bem dentro de uma sociedade contemporânea.

Nesse aspecto, a importância e valorização do brincar como instrumento no processo de ensino-aprendizagem, colaboram de forma expressiva na constituição do aprendizado da criança, acentuando suas capacidades e sua autonomia dentro do ambiente escolar e social.

O lúdico é de suma importância no desenvolvimento do aluno, pois com dessas atividades, pode-se discutir variados assuntos como o seu brinquedo favorito, brincadeiras favorita, como ocorre o lúdico em família. Os diálogos podem se entrelaçar e, ser explorado no contexto escolar, por meio de cartazes ou material concretos, entre outros.

Em face disso, todos os alunos devem ter acesso aos diferentes tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras, tanto livres como de regras simples, para que possam aos pouco promover o desenvolvimento de seu raciocínio lógico.

Sabe-se que o lúdico é um instrumento importante e agradável de trabalhar a aprendizagem das crianças. E é através de brincadeiras e as atividades lúdicas que a criança desenvolve a habilidade de entender suas atitudes de cooperação e adquire oportunidades de descobrir seus próprios recursos, assim como testar suas próprias capacidades. Por esse motivo, Teixeira (1998) defende o uso da atividade lúdica como instrumento pedagógico, pois é de fundamental importância na educação escolar. Para bem compreender, Teixeira (1998) descreve que:

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário. [...] As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas, e as operações mentais, estimulando o pensamento. [...] As atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. (p. 23)

Para tal colocação, observa-se que a qualidade de vida das crianças, sobretudo, depende fundamentalmente do brincar, haja vista que o ato de brincar, se divertir, fazer usufruto das variadas formas relação do sujeito com o mundo é da natureza infante. Por este motivo, o lúdico deve ser ampliado e plenamente desenvolvido na educação dos alunos, pois a brincadeira na escola desenvolve comportamentos individuais e coletivos, melhorando assim, o ensino aprendizagem de forma prazerosa. Assim, pode-se dizer que o brinquedo é um instrumento fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem do ser humano.

O lúdico ajuda a contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento, tanto na parte intelectual e ou física dos alunos, ou seja, as brincadeiras não são apenas diversão, como também informações, conhecimentos para o desenvolvimento das mesmas, ajudando na concentração e aptidões.

As brincadeiras podem assumir duas conotações básicas, de lado pode ser livres, de acordo com a vontade dos alunos, sem normas, deixando que elas ajam naturalmente, onde elas vão conhecer suas emoções, vontades, e vão se mostrar como são realmente dentro da sua realidade, e realizando de forma espontânea o que querem realmente, mas também podem ser direcionadas, ou seja, assumir um aspecto pedagógico, portando de aprendizado.

Na medida usamos a paródia como instrumento pedagógico para desencadear o desenvolvimento da leitura, estamos realizando uma ação intencional, enquanto docente. Queremos dizer com isso que as crianças naturalmente brincam e não precisam dos adultos para realizar esse tipo de experimental que cultural. O uso o tempo da escola para que as crianças brinquem livremente e perder a oportunidade de promover processo de desenvolvimento seja da leitura ou de outras dimensões do humano. Não podemos perder de vistas que nossas ações dentro da escola devem sempre assumir um caráter pedagógico, portanto um caráter intencional de desenvolvimento das potencialidades daqueles que estão sobre nossa responsabilidade.

O lúdico quando implantado no ensino, potencializam a formação do conhecimento dos alunos, promovem novas ideias, pensamentos, valores e comportamentos mais adequados e comunicação. O brinquedo como parceiro na educação dessas crianças contribui para a concentração, confiança, colaboração, aceitação, autoestima; através do brincar elas têm a oportunidade de demonstrar as vontades que lhe fazem felizes, ou seja, o brincar é instrumento indispensável no cotidiano delas, onde ela também tem a oportunidade de se relacionar com outras crianças, e com sua própria família.

De acordo com Ronca (1989, p. 27) “o movimento lúdico, simultaneamente, torna-se fonte prazerosa de conhecimento, pois nele a criança constrói classificações, elabora

sequências lógicas, desenvolve o psicomotor e a afetividade e amplia conceitos das várias áreas da ciência”.

Percebe-se, que brincando a criança aprende com muito mais prazer, destacando que o brincar, é o caminho pelo qual as crianças compreendem o mundo em que vivem, e são chamadas a mudar. É a oportunidade de desenvolvimento, pois brincando a criança experimenta, descobre, inventa, exercita, vivendo assim uma experiência que enriquece sua sociabilidade e a capacidade de se tornar um ser humano criativo.

É certo que, o mundo do lúdico; é um mundo onde a criança está em constante exercício. É o mundo da fantasia, da imaginação, do faz-de-conta, do jogo e da brincadeira. Pode-se dizer que o lúdico, é um grande laboratório que merece toda atenção dos pais e educadores, pois é através dele que ocorrem experiências inteligentes e reflexivas, praticadas com emoção, prazer e seriedade. E, é também através do brincar e das brincadeiras, dos jogos, das linguagens artísticas que ocorre a descoberta de si mesmo e do outro, portanto, aprende-se em vários momentos.

É no brincar que a criança está livre para criar, e é através da criatividade que o indivíduo descobre seu eu, e o aluno precisa ser estimulado para desenvolver atividades com jogos, brinquedos e brincadeiras, e construir seu processo de aprendizagem brincando. De acordo com Benjamim (2012 p. 63):

O lúdico é uma linguagem expressiva que possibilita a criança o conhecimento de si, do outro, da cultura e do mundo, sendo um espaço genuíno de aprendizagem significativas. [...] assim entendemos o lúdico como uma ferramenta que é capaz de tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso. [...] é através do lúdico que a criança vai trabalhar sua imaginação, aprender lidar com seu conflito diário e explorar suas habilidades em múltiplos papéis, competências contínuas a interativa, para ter o prazer de aprender e compreender o caminho do mundo.

Nos dias de hoje, passa-se por diversas mudanças em questões de minutos, a maneira de ensinar aprender também evolui constantemente; por isso, é preciso coragem para inovar e ousar, a trilhar novos caminhos, e inclusive a praticar o lúdico com os alunos de forma segura. Ao retomar Benjamin (2012, p. 64) coloca:

O brincar requer imaginação criativa, apropriação de normas de comportamento e de vida em grupo, nesse sentido, o educador deve ter consciência das características desses aspectos na sociedade a que pertence e conhecer as fases que caracterizam a evolução cognitiva e efetiva das crianças em relação ao brincar em diferentes situações teóricas para poder elaborar intervenções adequadas junto ao seu grupo de trabalho.

Então quando se utiliza brincadeiras e jogos como instrumento pedagógico, desenvolvem-se na criança diversas habilidades, pois ele oferece a oportunidade de realizar experiências variáveis no processo de ensino aprendizagem, e pode tornar-se mais prazeroso, eficiente e eficaz.

Dessa forma, o diferencial é permitir a compreensão de que o mundo está cheio de possibilidades e oportunidades para a expansão da vida com alegria, emoção, prazer e vivência do aluno; seja em grupo ou individual. E que todas as experiências promovem a alegria e o desenvolvimento das habilidades, afinal são estas a finalidade do jogo, da brincadeira e do brincar, e quando esta finalidade é atingida, a estrutura de como se pode jogar assume uma qualidade muito específica: torna-se um instrumento de aprendizagem que mantém uma constância de forma a dar prazer e de continuar o ensino para os alunos.

No entanto, é preciso dizer que os espaços do brincar, devem ser devidamente planejados, pois na sala de aula, ao tornar o espaço do trabalho é transformar em espaços de jogos, brinquedos e brincadeiras, de linguagens, o ambiente modifica-se. Ao referir-se a isso, pode-se dizer que o trabalho lúdico, desenvolve a compreensão e o raciocínio da criança.

Disso tudo, verifica-se então que, as atividades lúdicas propiciam a criança à possibilidade de conviver com diferentes sentimentos os quais fazem parte de seu interior, ela demonstra através da brincadeira como ela vê e constrói o mundo, como ela gostaria que ele fosse, quais as suas preocupações, e que problemas estão lhe atormentando, ou seja; ela expressa na brincadeira o que têm dificuldade de expressar com palavras. Portanto, é real afirmar que o jogo, as brincadeiras e o brincar são importantes, não só porque a criança fica alegre, mas quando se está vivendo, direta e reflexivamente, se ve além da sua representação simbólica de vida.

Dessa forma, observa-se que o lúdico não só contribui para a aprendizagem do aluno como também possibilita ao educador utilizar metodologia que torne o aprendizado mais prazeroso e significativo, através das brincadeiras os alunos conseguem demonstrar seus sentimentos e emoções, controle sua identidade enfrenta seus medos e melhora sua efetividade. Para Kishimoto (2011. p. 47):

A criança procura o jogo como uma distração [...]. É pelo jogo que a criança se revela. As suas inclinações boas ou não. A sua vocação, a sua habilidade, o seu caráter tudo o que ele traz latente no seu eu ou formação, torna-se visível pelo jogo e pelo brincar que ele executa.

Para Kishimoto (2011), brincando as crianças aprendem a cooperar com os companheiros, obedecer às regras do jogo, respeitar os direitos dos outros, acatar a autoridade,

assumir responsabilidades. Sendo assim torna-se um cidadão íntegro que respeita seu próximo, consciente que vai muito além de suas responsabilidades.

Ainda para Kishimoto (2011) com atividades lúdicas, o aluno aprende e aceita penalidades que lhe são impostas, dá oportunidades aos amigos e com tudo isso aprende a viver em sociedade. Permanecer em sociedade o ser humano precisa entender que ele não vive só, e sim no meio de uma comunidade, o mesmo precisa colaborar de forma que possa viver em harmonia com todos.

E a escola precisa fazer algo que a criança goste para que se tornem criadoras e produtivas, através das atividades lúdicas, fazendo com que as mesmas usem de sua autoestima. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) ressaltam que:

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta.

Assim, o brincar faz parte da vida da criança e por isso deve fazer parte das atividades do dia a dia na escola, por que torna a aprendizagem mais envolvente e interessante na medida de suas necessidades são contempladas.

Enfim, a atividade lúdica é, portanto, um instrumento imprescindível pelos quais os alunos se apropriam das coisas e vivências de seu mundo, e por ele constrói seu saber como sujeito histórico.

### 1.3. A Paródia como instrumento pedagógico

Ao se trabalhar “O uso da “paródia” nas práticas de leitura: uma análise a partir do olhar dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) de uma escola pública de Castanhal (PA)”, entende-se que a leitura, constitui elemento fundamental para o processo de socialização entre os indivíduos, propicia ao mesmo tempo benefícios como o acesso à informação, o aumento no vocabulário, e o despertar de curiosidades sobre assuntos diferentes, além do desenvolvimento do senso crítico de quem está em sua constante prática, torna-se relevante que sua execução seja estimulada dentro do ambiente escolar, pois a carência, desta, tem como consequência, entre outras, atraso ou deficiência no processo ensino e aprendizagem ou mesmo no desenvolvimento da linguagem.

Nesses termos, a paródia, é um gênero textual importantíssimo que serve como instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

De acordo com as concepções de gênero textuais utilizados, deve-se ressaltar que aqui o projeto desenvolvido contempla o uso da “paródia” nas práticas de leitura, por considerarmos que a paródia pode ser feita com diversas intenções. Para tanto, não é necessariamente preciso um caráter satírico para fazer a produção, o que deve acontecer é a junção dos elementos primários (fonte original) com características novas da forma parodiada.

A paródia é uma imitação burlesca que faz a caricatura de uma pessoa, de uma obra de arte ou de uma determinada temática. Enquanto obra satírica, a paródia aparece em diversos gêneros artísticos e nos meios de comunicação.

A indústria cinematográfica, a televisão, a música e a literatura costumam realizar paródias de situações políticas ou de outras obras. De um modo geral, recorre-se à ironia e ao exagero para transmitir uma mensagem crítica, engraçada ou irônica para divertir e/ou fazer refletir os espectadores, os leitores ou os ouvintes. Como características, podemos citar o humor, a intertextualidade, a criticidade, a ironia, a fidelidade ao gênero original, o conhecimento prévio (enciclopédico), o conhecimento linguístico e o conhecimento interacional. Geralmente, se percebe exemplos de paródia através da música, mas não é o único meio para se desenvolver o gênero estudado. Os textos-base podem ser a música, a pintura, o desenho, a escultura, a poesia, a fotografia, dentre outros.

O trabalho com a paródia tem como objetivos fazer uma crítica, instigar uma reflexão, brincar com alguma personalidade famosa, usar a criatividade com humor, ampliar conhecimentos. Os temas são os mais diversos: política, economia, sociedade, comportamento, relacionamento, propaganda, poesia, dentre outros. Os autores estabelecem uma diferenciação entre a paródia e a paráfrase, cuja primeira possui uma retomada das ideias de um texto anterior, subvertendo-as. Rompe-se com a ideologia do texto anterior, por meio de recursos, como o humor, a crítica e a brincadeira. A linguagem desenvolvida na Paródia é, um discurso, uma invenção, criação, que leva a libertação; sempre com uma tomada de consciência crítica que busca inventar uma nova e diferente maneira de se fazer uma nova leitura do que se tem como convencional. A paráfrase, em contrapartida, é a criação de um texto, mantendo a mesma ideia do original, modificando apenas os vocábulos e a construção do texto. Há uma fidelidade na paráfrase, enquanto que a paródia parte de um texto base e modifica as ideias, trazendo personalidade do autor da criação.

Para esse entendimento, Koch e Elias (2011) afirmam que o processo paródico pode ser representado por um texto que está inserido em outro texto (intertexto) que foi produzido anteriormente, e que faz parte da memória social de uma coletividade. Nesse sentido, o interlocutor de tal produção parodiada deve recuperar, da memória social que tem as

referências e elementos que dão sentido àquela nova versão parodiada. Simões (2018, p. 7) complementa tal concepção de forma mais específica citando a paródia musical ao dizer que:

[...] cabe ao interlocutor recuperar em sua memória social os elementos que darão sentido ao texto. No caso de uma paródia musical, escreve-se um novo texto (letra) para uma música já conhecida, mantendo-se seus aspectos melódicos, harmônicos e rítmicos, ou variando-se apenas pequenos elementos para melhor atender a métrica da canção. Entretanto, nesse processo de reescrita, altera-se o sentido do texto, na maior parte das vezes para gerar um efeito crônico, provocativo ou de interseção a algum tema que esteja em alta em determinado contexto político, histórico ou social. Por conseguinte, cabe ao interlocutor o conhecimento dos diversos tipos de relações que este texto mantém com outros textos, a fim de se alcançar os efeitos estilísticos desejados.

Considerando as diferentes acepções de gêneros textuais e também o que se espera do trabalho em relação ao discurso dos alunos do 3º ano, a forma como avaliam a utilização do gênero textual paródia como instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem da leitura, acredita-se ser relevante a escolha pelo gênero aplicado no contexto de sala de aula.

A paródia é um gênero que nos induz a entender como uma imitação, na maioria das vezes cômica, de uma composição literária, em outras palavras é uma imitação comediantes, debochante, como nos casos em que se trabalha na prática no dia a dia em sala de aula, adaptando-se textos a músicas e outras formas como instrumento de nossa prática pedagógica.

A paródia ao ser construída parte de uma nova interpretação de um texto seja de música ou de outro recurso, da recriação de uma obra já existente e, em geral, consagrada. Pode-se dizer que o seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto, passando diferentes versões para um lado mais despojado, e aproveitando o sucesso da obra original para passar um pouco de alegria.

Destaca-se que este gênero textual é muito interessante ao se trabalhar, pois se percebe um grande dinamismo nos alunos que ao montar a ideia, vão ajudando a construir as paródias em sala de aula com o conhecimento que possuem do contexto escolhido. É um recurso que ao se produzir parece com a obra de origem, no entanto, nessa dinâmica ela desconstrói ou ainda reconstrói um texto, conforme a finalidade que se quer para a questão.

A paródia é um gênero textual que ao se construir a ideia, se interpreta, reflete-se e aproveita-se a ideia central para contextualizar de diferentes formas e versões o sentido que se quer dar a ela. Então, entende-se que a paródia é a criação de um texto conhecido onde se utiliza para criar um novo texto que pode ter uma linguagem irônica, humorística, podendo até zombar de alguém, contestar algo que se quer questionar.

Dessa forma, a paródia ao utilizar-se como instrumento pedagógico, despertar o interesse e participação dos alunos em atividades, ou seja, no processo ensino e aprendizagem, e estimula o interesse pelo gênero que é pouco trabalhado nas escolas.

Vale citar que, a paródia é entendida como um duplo entendimento, onde aparece como uma oposição inerente a toda uma tradição cultural. Nesse entendimento aborda-se Maria Lúcia P. Aragão (1980) que nos explica que:

A paródia é uma forma de jogo em que se usa uma determinada técnica, cujos efeitos não são uniformes. Agride ou recusa os significados, enquanto reforça os significantes: ao potencializar um, enfraquece o outro. [...] A paródia se apresenta como um gênero ambíguo, denunciado o fracasso do poder constituído, numa sociedade cheia de contraste [...]. (ARAGÃO, 1980, p.19-21)

Também é importante citar que o gênero paródia, segundo Sant’anna (2007), a paródia não é uma invenção recente.

Conforme Hutcheon (1989), o gênero destacou-se como “Idade da Paródia” no século XIX, a era do Romantismo, época em que a paródia começa a ser intensamente usada como forma de criação artística. Isso se dá uma vez que, com a ascensão da burguesia e o consequente aumento do público *leitor e literato*, os parodistas poderiam lançar mão desse estilo para além de textos canônicos conhecidos, como a Bíblia e os clássicos, e aventurarem-se por textos de toda a sorte. É no século XX, contudo, que essa ampliação dar-se-á com maior visibilidade, conferindo à paródia a característica de ser uma das formas mais importantes da moderna autorreflexividade, configurando-se num discurso interartístico, agora não só nos romances, mas também em outras formas de arte.

Retomando-se segundo Sant’anna (2007), ela afirma que apesar de estar, então, localizada há apenas dois séculos de distância de hoje, basta traçarmos um brevíssimo histórico do termo *paródia* para constatar que – de fato – não se trata de um recurso tão novo assim. A institucionalização do termo só aconteceu no século XVII, apesar de Aristóteles já ter tido feito um comentário sobre ele, atribuindo sua origem como arte a Hegemos de Tarso, no século V a.C. Já outros autores apontam como o pai da paródia Hipponax de Éfeso (importante inspiração para Catulo), apenas um século mais tarde. (SANT’ANNA, 2007)

Segundo Linda Hutcheon (1989) o gênero é ainda assim explicado:

A paródia é, pois, tanto um ato pessoal de suplantação, como uma inscrição de continuidade histórico-literária. Daí surgiu a teoria dos formalistas acerca do papel da paródia na evolução ou mudança das formas literárias. A paródia era vista como uma substituição dialética de elementos formais cujas funções se tornaram

mecanizadas ou automáticas. Neste ponto, os elementos são “refuncionalizados” [...] Uma nova forma desenvolve-se a partir da antiga, sem na realidade a destruir; apenas a função é alterada. [...] A paródia torna-se, pois, um princípio construtivo na história literária. (1989, p.52)

Uma vez considerada a paródia como uma categoria que possibilita a revisão crítica de discursos históricos e literários, promovendo, conseqüentemente, a manutenção desses mesmos discursos, chega-se a uma interessante contradição: a paródia, ao mesmo tempo em que “põe em xeque” alguns modelos, transgredindo-os, acaba reforçando, legitimando tais modelos.

Portanto, a linguagem da Paródia é, em síntese, um discurso da libertação; é uma tomada de consciência crítica que busca criar uma nova e diferente maneira de ler o convencional, na paródia parte de um texto- base e modifica as ideias, trazendo personalidade do autor da criação.

## 2. CAPÍTULO II – DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

### 2.1. O Processo de apropriação da leitura

Segundo Mata (2008) no processo de apropriação da leitura estão implícitas duas competências a desenvolver, uma relacionada com a interação da criança com o texto escrito, de uma forma geral, e outra mais direcionada para a leitura de histórias e outros textos.

“No seu dia-a-dia, a criança está atenta à escrita envolvente, procurando ativamente atribuir-lhe significado e reconhecendo algumas palavras em contexto (nome próprio, nomes, ou outras palavras familiares)”. (MATA, 2008. p.81)

Esta competência envolve três vertentes: a disponibilidade e curiosidade pela escrita, a capacidade de atribuição de uma mensagem à escrita e a existência de um conjunto de palavras que fazem parte do seu vocabulário visual.

**Disponibilidade e curiosidade:** Refere-se à curiosidade pela escrita manifestada pela criança e à disponibilidade para procurar atribuir-lhe um significado.

**Atribuição de mensagem à escrita:** A atribuição de uma mensagem específica ao texto escrito com que a criança vai descobrindo e adequando paulatinamente, entre o tipo de mensagem, o suporte escrito e a sua função é outro indicador no desenvolvimento da competência anteriormente mencionada.

**Vocabulário visual:** O vocabulário visual diz respeito às palavras que a criança vai reconhecendo globalmente pelas suas características gerais ou mesmo pela identificação das letras que as constituem.

Na idade pré-escolar, uma outra competência, no que se refere à apropriação da leitura é: “Ouvir atentamente e com prazer histórias, rimas, poesias e outros textos, extraíndo as suas ideias principais, fazendo comentários e/ou levantando questões em relação ao que ouviu”. (MATA, 2008. p.83)

Por conta disso, segundo essa competência agregam-se três vertentes: o desenvolvimento de atitudes positivas e prazer face à leitura, a compreensão do que é lido procedendo à seleção da informação mais pertinente e a apreensão da informação selecionada, que permite refletir e estabelecer relações com outras informações e vivências anteriores.

**Desenvolvimento de atitudes positivas e prazer face à leitura:** Na maioria, são desenvolvidas pela participação em situações positivas e agradáveis de leitura, pelo envolvimento precoce das crianças nestas situações, pelas atitudes e sentimentos dos outros

que medeiam a relação da criança com a leitura e pelo prazer e satisfação que conseguem transmitir e conferir às interações partilhadas de leitura.

**Seleção da informação mais pertinente:** A compreensão de um texto exige a capacidade de selecionar a informação mais pertinente e de organizar de modo a que se fique com a estrutura geral e a sua sequência. Para o desenvolvimento desta capacidade são muito importantes a frequência e qualidade das interações com o texto.

O papel do adulto (educador ou pais), realçando as ideias principais, relembrando informação anterior através de questões que vai colocando, lendo com cuidado e com a entoação apropriada, fazendo pausas quando necessário, respeitando o ritmo das crianças, é de extrema importância e contribui de forma preponderante para o desenvolvimento da capacidade de seleção de informação e o conseqüente acesso à compreensão. (MATA, 2008, p.85)

**Reflete e estabelece ligações:** A apreensão da informação selecionada permite refletir de uma forma mais aprofundada e estabelecer relações com outras informações e vivências anteriores.

Seguindo a linha de pensamento de Mata (2008), numa fase inicial, as crianças não atribuem uma mensagem à escrita. Gradualmente, vão-se apercebendo de que existe uma mensagem e que essa mensagem é diferente consoante o suporte de escrita. Inicialmente, a mensagem atribuída à escrita é muito simples, limitando-se ao nome dos objetos, de pessoas ou de animais. Posteriormente, o conteúdo da mensagem é alargado aos verbos, artigos e outros elementos de ligação.

Os indicadores a que recorrem para identificarem a mensagem também vão sendo diferentes. No início, são basicamente indicadores contextuais e gráficos, ou seja, o local onde está a escrita e a percepção global da mesma. Posteriormente, começam a tomar consciência do tamanho da palavra ou da frase escrita, passando a atribuir uma palavra ou uma sílaba a cada letra ou palavra escrita.

Estes indicadores vão-se tornando mais consistentes e estruturados. O reconhecimento de algumas letras e do respectivo nome, bem como a identificação de algumas semelhanças entre palavras vão facilitando a mobilização de estratégias cada vez mais elaboradas e diversificadas para as tentativas de leitura.

Paralelamente, desenvolve-se uma componente afetiva em relação à leitura que é de extrema importância na promoção de leitores envolvidos. Estes, para além de compreenderem a utilidade e o valor da leitura, sentindo-a como positiva e agradável, desenvolvem, também, sentimentos de competência, sentindo-se curiosos e capazes.

Pode-se dizer que o trabalho com a leitura deve ser uma prática constante, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Seu principal objetivo é formar leitores competentes. Considerando o que nos coloca Solé (2008), ler com competência significa ser capaz de incorporar o que os textos dizem para poder transformar nosso conhecimento. Quando o objetivo é aprender, isso significa, em primeiro lugar, ler para poder se guiar no mundo em que há tanta informação que às vezes não sabemos nem por onde começar. Em segundo lugar, significa não ficar apenas no que dizem os textos, mas incorporar o que eles trazem. Pode-se ler de forma superficial, mas também se pode interrogar o texto, deixar que ele proponha novas dúvidas, questionar ideias prévias que nos leve a pensar de outro modo.

Diante dessa concepção, a escola deve ensinar a ler e propor tarefas para que os alunos pratiquem essa competência desde o início da escolarização, continuamente, para que eles deem conta dos textos imprescindíveis para realizar as novas exigências que vão surgindo ao longo do tempo. Segundo os PCNs (1997):

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. (p.53)

Dessa forma, cabe destacar que a questão da leitura não pode ser tratada apenas para os que vão à escola, se não para todos que circulam em seu entorno. A responsabilidade social de escola, e do poder público, não se restringe aos usuários diretos, mas a rede do qual esses usuários participam e com o qual interagem. Assim, o incentivo e a promoção de momentos de interação e debates sobre assuntos de interesse da comunidade, por meio de diversas iniciativas em torno da leitura, podem funcionar para instigar a curiosidade, estimular a pesquisa, o estudo e a busca por resposta em diferentes meios de informações, acessíveis até então, ou alcançáveis, a partir da intervenção pedagógica realizada na escola. Considerando os PCNs (1997):

... a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês”, resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto, e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando as informações relevantes, ou

significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema. (BRASIL, pp. 54/55)

Nessa perspectiva, para realizar a formação do leitor, é preciso ter, claro que ler não é apenas um processo de decodificação de letras e palavras, não e somente converter letras em som. Fazer uma leitura é primeiramente saber o significado do que está em um texto.

Para Cardoso (1993, p. 45): “A melhor maneira de transformar meninos e meninas em leitores e escritores, é colocá-los em contato com materiais impressos dos mais diferentes tipos: livros, jornais, revistas, anúncios e cartazes, etc”.

Pensando nisso, é que se deve escolher bons textos e temas adequados a faixa etária dos alunos, afim de que eles se integrem ao exercício da leitura de modo prazeroso e investigativo. Então, o trabalho com leitura e escrita, tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção do que escrever e como escrever.

Segundo os PCNs (1997, p.54), “um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente”.

Nesse caso, a leitura é um processo no qual o leitor realiza a construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Assim, os PCNs (1997) destacam ainda que:

... não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pudesse até ensinar a ler, mais certamente não se formarão leitores competentes. (MEC, 1997, p.55)

Assim, um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias adequadas para abordá-los de forma a atender a esta necessidade. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convenientemente, sem, contudo atribuir ao aluno toda a “culpa” pela não aprendizagem da leitura e da escrita.

E por fim, Marisa Lajolo afirma que: “... lê-se para entender o mundo, para viver melhor”. “Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (2002, p.07)

## 2.2. O Processo de apropriação da escrita

De acordo com Mata (2008), o processo de apropriação da escrita contempla duas competências a desenvolver, uma relativa à distinção de diferentes códigos escritos e outra mais direcionada para a utilização da escrita.

Na competência distingue o código escrito de outros códigos (como o icónico), identificando algumas das suas características e utilizando-os de modo adequado e contextualizado existem quatro aspectos distintos, mas que se inter-relacionam e complementam: demonstrar curiosidade pelo código escrito; identificar características do código escrito, diferenciar códigos e adequar o código à situação. (MATA, 2008. p.49)

A frequência de ambientes onde a linguagem escrita está presente leva a que a criança procure saber o que é a escrita e como funciona, formulando questões à medida que escrevem e imitam outras pessoas que vêem escrever.

As crianças aos pouco vão percebendo as características particulares do código escrito através dos modelos oferecidos a ela onde aos pouco vão confrontando no seu dia-a-dia e conforme as oportunidades que lhes são dadas de utilizarem a escrita. Estas características demonstram o tipo de caracteres utilizados (o reconhecimento gradual das letras e do seu respectivo nome), à forma como estes caracteres se organizam no espaço (linearidade) e também ao que representam.

Gradualmente, a criança começa a compreender que a escrita tem características e convenções próprias e que são diferentes de outros códigos (icónico ou numérico). Por conseguinte, vão utilizando, de forma autónoma, os vários códigos identificados a cada situação específica.

Associada à competência de identificação das características do código escrito, surge outra, que se refere à utilização da escrita em contexto. “Nas suas brincadeiras ou na resolução de situações concretas, a criança envolve-se com a escrita (brincando com ela e tentando escrever), podendo recorrer a formas de registo diferenciadas, mais ou menos convencionais”. (MATA, 2008. p.52)

O desenvolvimento desta competência está associado a quatro aspectos distintos, mas inter-relacionados e complementares: demonstrar iniciativa para utilizar a escrita, quer em situações lúdicas, quer nas rotinas do dia-a-dia; explorar diferentes formas de escrita; envolver-se em diferentes tarefas de escrita e adequar formas de escrita a contextos específicos. (MATA, 2008)

### **2.2.1. O Desenvolvimento da Habilidade de Leitura e Escrita**

Para alguns autores, os trabalhos relacionados à análise dos processos de aquisição de leitura e escrita, sempre foram voltados para os aspectos pedagógicos focando mais os métodos de ensino do que a aprendizagem em si. Muitos educadores sempre acharam que a percepção da criança seria global e, sendo assim, o ensino da escrita também deveria ser global, que as crianças deveriam aprender primeiramente a reconhecer frases e palavras, em seguida, analisariam palavras, eles acreditavam que a criança deveria aprender de início os elementos mais simples, ou seja, as letras para depois, então, reuni-los em sílabas e palavras que constituem elementos mais complexos. Silva (1992) enfatiza que:

É importante ressaltar que as exigências não são definidas em termos de um conjunto de habilidades segmentadas (o que seria operacionalizar algo não operacionalizável). Pelo contrário, trata-se de uma constelação de atos da consciência, que são acionados durante o encontro significativo do leitor com uma mensagem escrita, ou seja, quando o leitor se situa no ato de ler. É este situar-se que garante o caráter libertador do ato de ler, o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar. (p.80)

A verdade é que essas controvérsias entre métodos não levavam em conta a natureza representativa da língua escrita nem tampouco sua relação com língua falada. Emília Ferreiro (2004) baseada na teoria de Piaget pesquisou o desenvolvimento de leitura e escrita da criança. Sua pesquisa se fundamentou em: como se passa de um estado de menor sucede em certa ordem; sabemos que cada um destes níveis caracteriza-se por formas de concepção que atuam da mesma maneira que qualquer esquema assimilador.

Desde o momento em que uma escrita é considerada como composta de partes, a coordenação destas partes com totalidade constituída começa a tornar-se problemática. Um dos problemas interessantes e complexos específicos do desenvolvimento, é que as crianças devem resolver tantos problemas de correspondência quantitativa. No desenvolvimento da leitura e escrita, considerando como um processo cognitivo, a uma construção efetiva de princípio organizadora que, não apenas não podem ser derivados somente da experiência

externas, como também são contrários a ela; são contrários inclusive ao ensino escolar sistemático e as informações não-sistemático. O processo de desenvolvimento da criança se dá a partir da forma que ela escreve seu próprio nome. Sua vivência em sociedade, por meio dos conhecimentos adquiridos no processo de seu desenvolvimento cognitivo. Ela não tem percepção imediata da linguagem escrita, mesmo quando ela cresce em um ambiente rico em experiência de alfabetização.

A partir dessa interpretação, Ferreiro (2004) escolheu a escrita do próprio nome da criança como fonte de sua pesquisa na busca de compreender como ocorre esse processo. Na fase inicial do processo de alfabetização, é fundamental ter um ambiente favorável a leitura e escrita, ela deve ser estimulada para que desperte o interesse pela leitura. Quando ela convive em um ambiente desse, torna-se, mais fácil para ela entender e desenvolver a leitura e escrita. Ela precisa ouvir, ter diferentes recursos, observar ilustrações para que essas estimulações beneficie para o seu processo. Para isso, os PCNs: “Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos (...). As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. (MEC, 1997, p.36)

Ferreiro (2004) ainda ressalta a importância da intervenção da família no processo de evolução da criança. Também em seus estudos, Teberosky (2010, p.67) relata que a criança escreverá as letras, os quais ela já conhece, observando a palavra e seu objeto, por exemplo; se for escrever algo que esteja no diminutivo, usará poucas letras, porque o objeto é pequeno, enquanto para escrever algo que esteja no aumentativo, utilizará mais letras para representar o objeto a ser escrito, quer dizer, algo grande. Esse processo de atribuir o tamanho do objeto a sua escrita Teberosky, chama de “reificação”. (TEBEROSKY, 2010, p.68)

Na fase de construção da escrita para a criança é um grande desafio e ao mesmo tempo um problema, porque é difícil ela entender que a letra sozinha não possui nenhum significado e que só terá, juntando com outra letra, a e que essa letra pode fazer parte de outras palavras escritas em outras ordens.

É importante ressaltar para a importância de respeitar as fases de desenvolvimento de cada criança em seu período de aprendizagem. Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2010) afirmam isso em seus estudos com crianças em fase de aprendizagem, sendo que todas as escolas devem atentar para esse processo e respeitar as dificuldades de cada criança.

### 3. CAPÍTULO III – CAMINHOS DA PESQUISA

#### 3.1. Metodologia da Pesquisa

A metodologia utilizada no estudo foi o caminho utilizado, de forma a proporcionar uma compreensão mais apurada dos dados colhidos e nos subitens seguintes analisados. Foi realizada de forma bibliográfica em artigos, livros, periódicos e via internet. A orientação metodológica da pesquisa foi bibliográfica, de campo e de natureza qualitativa.

Foi pesquisa de campo, pois Lakatos (2010, p. 186) destaca que é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.

Foi qualitativa, o que para Gil (2010), o uso da abordagem qualitativa, propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

De acordo com Bogdan & Biklen (2010), a fundamentação teórica acerca da pesquisa qualitativa é aquela que:

- Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- Os dados coletados devem obedecer a critérios predominantemente descritivos;
- A preocupação com o processo deve ser muito maior do que com o produto;
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.

A pesquisa se dá com base na abordagem qualitativa, por considerar o que Lüdke & André (2005, p. 18) dizem, que essa forma de investigação “é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada”. Por esse motivo, para a análise de como os alunos do 3º ano (1º Ciclo), avaliam a utilização do gênero textual paródia como ferramenta pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem da leitura,

consideradas nesta pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, pois trata de práticas de sujeitos.

E ainda pela abordagem qualitativa proporcionar, enquanto pesquisador, vivenciar critérios de qualidade tomando como base a entrevista estruturada, que nos deu uma perspectiva, possibilitou a compreensão do que os sujeitos da pesquisa pensam e falam do tema em questão. Lüdke e André (2005) expressam:

É cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas. Apesar da crescente popularidade dessas metodologias, ainda parecem existir muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa, quando é ou não é adequado utilizá-la e como se coloca a questão do rigor científico nesse tipo de investigação. [...] Ela tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está inserida [...]. (p.11)

Então, tornou-se vital que o pesquisador estava em contato com os sujeitos da pesquisa.

Esta pesquisa foi desenvolvida levando em conta os métodos adotados nesse tipo de pesquisa que é: Revisão bibliográfica acerca do assunto em pauta para fundamenta o objeto de estudo e a Aplicação da Entrevista estruturada.

### 3.2. Lócus da Pesquisa

Frente ao exposto, é importante ressaltar que o local da investigação da pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Graziela Gabriel, na cidade de Castanhal, cidade do interior da capital paraense com aproximadamente 60 km de Belém.

O município possuía no último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, 173.149 habitantes e com estimativa para 189.784 em 2015; segundo o levantamento de 2012. Castanhal possui 199 escolas, sendo que 64 são públicas municipais, e 2.033 docentes, o censo escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apresenta 42.940 matrículas efetivada, distribuída na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio no ano de 2015, sendo que 14 712, são de anos iniciais do ensino fundamental.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Graziela Gabriel, foi fundada em 17 de Fevereiro de 1974, e está situada à rua Antônio Freire s/n, no bairro Milagre, próximo ao campo Santa Lídia, atende alunos do bairro do Milagre e das agrovilas vizinhas. O referido bairro é periférico e formado por uma população de classe média baixa, oriunda em sua

maioria de outros municípios da região, assim como de outros Estados, que vieram em busca de emprego e de melhor qualidade de vida.

A escola atualmente é administrada pelo diretor professor Márcio Rodrigo Diniz Borges, formado em Pedagogia, e as vice-diretoras, Maria Ivanilda de Freitas e Alzenir V. Luna Alencar, ambas Pedagoga, e por três coordenadores pedagógicos, um em cada turno.

No ano de 2018, foram matriculados 884 educandos, sendo 715 no ensino regular, e 169 na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola funciona em três períodos: matutino e vespertino atendendo o ensino fundamental de 1º ao 5º ano e noturno atendendo a modalidade EJA, com turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª etapas. Sendo que nestes três períodos também está inserida a Educação Especial.

Seu quadro funcional está composto por 62 educadores, 28 servidores de apoio agentes administrativos, auxiliares administrativos, serventes, zelador, merendeiras e guardas noturnos. A escola possui ainda, Conselho Escolar, é um órgão colegiado deliberativo e consultivo, constituído por representantes de todas as categorias como: pais, professores, alunos e funcionários de modo geral. Sua função é atuar articuladamente com o núcleo da direção, no processo de gestão pedagógica, administrativa e financeira da escola, o qual é responsável por gerenciar os recursos financeiros que chegam à escola, através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, além de coordenar as ações pedagógicas e administrativas. Os membros do Conselho Escolar são eleitos em assembleia geral para atuarem durante dois anos. Lei de criação da Escola nº 09, de 08 de maio de 1978.

A escola atende alunos da comunidade local e de agrovilas, que tem à disposição mercadinhos, bares, freira livre, quadra de esporte, aparelhos de ginásticas ao ar livre, padarias, salões de beleza, acoque, lojas de materiais de construção, posto de saúde, igrejas de varias denominações, campo de futebol, creches municipal e escolas estadual. A comunidade varia de classe média e baixa, com estrutura familiar variada. Infelizmente, há bairros e ruas nas circunvizinhanças em que o trafico e assaltos esta aumentando consideravelmente. Observando e conversando com a direção sobre as parcerias com as famílias, foi evidenciado que poucas famílias são escolarizadas e pouco se interessam pelo que acontece no ambiente escolar, mesmo a gestão abrindo as portas da instituição para a participação da comunidade, poucos se interessam em participar mais da vida escolar dos filhos.

Sua estrutura física compõe-se de 13 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 espaço reservado aos professores, 01 sala de leitura, 01 sala de recursos multifuncionais, 01 refeitório, 01 almoxarifado, 01 laboratório de informática, 03 depósitos, 05 banheiros

masculinos, 05 femininos e 01 destinado aos educandos com necessidades especiais, 02 para educadores e funcionários, e 01 na área da copa e cozinha.

Sala de aula: são 13 de aulas com de 25 a 35 pares de cadeiras e mesas, um armário em cada sala e mesa do professor, quadro branco fixado na parede, janelas de vidros vedadas devido a central de ar. De modo geral, as salas estão bem conservadas e atende as necessidades básicas dos alunos.

O atendimento na sala de AEE é realizado no contra turno, levando em conta preferências e disponibilidades em relação ao horário e aos dias de atendimento e também a quantidade de educandos atendidos por turno.

### 3.3. Quanto à População e Amostra

Neste item delimita-se o universo da pesquisa, ou seja, a população e a amostra que foram pesquisadas. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 223), essa delimitação do universo da pesquisa “[...] consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos, etc. serão pesquisados, enumerando suas características comuns, como por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem, comunidade onde vivem, etc”.

A escolha de uma amostra só ocorre quando a pesquisa não abrange a totalidade dos componentes do universo. Lakatos e Marconi (2010, p. 223), nos estudos por amostragem, é preciso “[...] escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, poder inferir, o mais legitimamente possível, os resultados da população total, se essa fosse verificada”.

Nesse caso, a população caracterizada na pesquisa são os 03 alunos do 3º ano (1º Ciclo), e as 06 professoras. Os informantes não serão identificados nominalmente, mas de modo fictício. A amostra é “a porção ou parcela escolhida de acordo com uma população”. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.27)

O contato com os informantes foi feito com uma agenda previa, e o conteúdo do roteiro de entrevista foi encaminhado a eles com antecedência, e depois se procedeu a entrevista.

### 3.4. Quanto à Técnica de Coleta de Dados

Os dados foram coletados a partir da técnica de entrevista semi-estruturada, que direciona perguntas abertas e fechadas, e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Chizzotti (2010) chama de abordagem técnica do trabalho de campo o uso

da entrevista, o que possibilita a identificação e descrição da concepção de como os alunos do 3º ano (1º Ciclo), avaliação da utilização do gênero textual paródia como ferramenta pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem da leitura. Utilizou-se como suporte para a realização das entrevistas, um roteiro pré-estabelecido que consta como Apêndice, no final desta produção acadêmica.

Gil (2010, p.113) enfatiza ainda que:

A entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, pensam, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Em relação às entrevistas, foram realizadas conforme data marcada com cada informante. Antes de iniciá-las, se avisou os informantes para esclarecer e proceder a entrevista no próprio ambiente escolar.

O instrumento foram construído de perguntas a partir do discurso dos alunos e professores, se estão em consonância com os referenciais teóricos da área que abordam a temática; do socializar com toda a escola os resultados da pesquisa objetivando a utilização do gênero textual paródia.

### 3.5. Quanto à Forma e Tratamento dos Dados

Conforme Lüdke (2005), no tratamento dos dados qualitativos, considerou-se evidências múltiplas obtidas durante a pesquisa, ou seja, os relatos, as transcrições de respostas e demais informações disponíveis e analisadas, levando-se em conta os objetivos do trabalho. E ainda na pesquisa qualitativa, o processo, as perspectivas dos sujeitos observados foram mais importantes do que o produto. Segundo a autora citada:

O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas [...]. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (p.12)

Isso se dá por meio de análise das informações sobre os dados coletados para responder a situação problema e aos objetivos.

Para a análise e interpretação de dados, Bogdan & Biklen (2010, p. 205) destacam:

[...] a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

A etapa de análise dos dados, consta da parte das descobertas, do relato das muitas informações que constam apenas na memória das pessoas. Todavia, essas informações muito nos interessam e nos incomodam, por vermos que segundo os discursos dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) e dos professores, a forma como avaliam a utilização do gênero textual paródia como ferramenta pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem da leitura é importante para o processo ensino aprendizagem. Desse modo, os procedimentos metodológicos utilizados colaboraram na obtenção dos dados para a realização da pesquisa.

### 3.6. Análise, Discussão e Resultado da Pesquisa

#### 3.6.1. A Percepção das Professoras

Para melhor compreensão do que foi discutido, aqui se faz uma análise das entrevistas realizadas com as docentes, buscando realizar um contraponto com a bibliografia estudada e pertinente à temática.

A pesquisa se deu na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Castanhal.

Abaixo se segue com cada pergunta e resposta das docentes que na pesquisa são caracterizadas como (P1), (P2), (P3), (P4), (P5) e (P6).

A primeira professora das iniciais MLA, denominada (P1) tem 44 anos, possui Licenciatura em Pedagogia, e atua como professora a 23 anos. A mesma reside na Rua Manoel Manoim, s/n. Tem um total de 24 alunos em classe, sendo do sexo feminino e masculino, com idade aproximadamente entre 11 à 13 anos.

Em relação a segunda professora, caracterizada pelas iniciais MCG, destacada como (P2), ela possui 40 anos, é formada em Letras e Pedagogia. Atua a 22 anos no magistério. A professora reside na Rua Euzébio Foreliza, s/n. Trabalha com um total de 25 alunos na classe, sendo do sexo feminino e masculino. A idade dos alunos com a qual trabalha fica entre 11 a 13 anos.

A professora denominada (P3) ela diz ter 41 anos. Está concluindo a Licenciatura em Pedagogia, e atua como docente a 18 anos. Reside na Rua Euzébio Foreliza. Para a professora titulada pela identificação ONB, pode-se dizer que leciona para 24 alunos na classe, distribuído entre os sexos feminino e masculino, com a idade entre 09 a 11 anos.

Com relação a professora destacada pelas iniciais de AM, residente a Rua Euzébio Foreliza, denominada (P4) ela diz ter 39 anos. Tem a formação em Pedagogia, e atua como docente a 20 anos. Está lotada em uma turma com 24 alunos distribuídos entre os sexos, feminino e masculino, que tem idade entre 09 a 11 e 11 a 13 anos.

Destacando a professora denominada MMM, identificada por (P5) ela diz ter 34 anos. Tem a formação em Letras e habilitação em Língua Portuguesa. Reside na Passagem Simão Jatene, nº 260, bairro Cariri. Atua como docente a 13 anos. Ministra aula para uma classe com um total de 23 alunos, do sexo feminino e masculino, estes com a idade entre 09 à 11 anos.

Contando ainda com a professora nomeada pelas iniciais FV, indicada por (P6) que reside na Alameda Margarida II- Cariri, com idade de 39 anos. Ela, atua com um tempo como professora a 09 anos na educação. Possui formação no Magistério e Língua Portuguesa. Tem um total de 27 alunos na classe, entre feminino e masculino com idade entre 09 à 11 anos.

Ao serem argumentadas sobre as questões, se dispõem em descrição os pronunciamentos de cada professora.

Em relação a percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula, perguntou-se as professoras, “De seu conhecimento, o que é paródia?”. Elas na sequencia responderam:

A primeira professora das iniciais MLA, denominada (P1) cita que:

A paródia é um gênero textual usado na sala de aula para familiarizar o aluno do assunto, através de uma forma cômica, alegre e divertida para a aprendizagem. A paródia surge a partir de uma nova interpretação, da recriação de uma obra á existente e, em geral, consagrada. Seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto, passando diferentes versões para um lado mais despojado, e aproveitando o sucesso da obra original para passar um pouco de alegria.

A mesma questão refere-se a segunda professora, caracterizada pelas iniciais MCG, destacada como (P2), que nos diz que: “É quando se utiliza a estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado, é um novo contexto empregado à estrutura do que já existia”.

Para o entendimento colocado, destaca-se que se mantém o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo, o ritmo, no caso de canções, mas modifica-se o sentido.

Também para a professora denominada (P3) para a mesma pergunta, ela responde que:

A paródia é uma atividade que ocorre a recriação de um texto, no entanto, o autor se apropria de um discurso já existente e opõe-se a ele. Este tipo de intertextualidade é

baseado em um caráter contestador. Há uma desvirtuação do discurso original, seja para criticá-lo ou para marcar uma ironia ou sarcasmo.

Contanto que a professora destacada pelas iniciais de AM, denominada (P4), a paródia: “É uma reescrita de alguma obra que com frequência utiliza o cômico ou o crítico geralmente é parecida com a obra original, mas com sentido diferente”.

Em relação a resposta dada pela professora denominada MMM, identificada por (P5) ela diz que “Paródia é uma nova composição a partir da letra de uma música já conhecida”.

E a última professora nos explica que “Parodia é gênero que consiste na releitura de uma obra (música, poema, etc.), já existente e tem cunho cômico, crítico ou irônico”.

Percebe-se nas falas das professoras que elas conhecem o que realmente é uma paródia, do que se trata como contexto formal, e compreendem como se deve fazer para construir o gênero paródia em sala de aula, contudo; na prática de sala de aula não se sabe se é desenvolvido como realmente o gênero se forma, ou seja, é construído.

Para indagar, você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?. Elas assim nos relataram em sequência:

(P1) “Sim, faço sempre para estimular a escrita e a leitura de forma que pareça estar brincando.

(P2) Sim.

(P3) Sim, mas muitos alunos tem bastante dificuldade de criar e adaptar um contexto para outra situação podendo chacoalhar, arremedar, zoar com algo ou alguém em uma determinada situação.

(P4) Sim. Porque acredito que esse método, por tratar-se de construções intencionais de textos que transmitem uma mensagem e não apenas textos lúdicos acabam facilitando o aprendizado de modo geral.

(P5) Nunca trabalhei.

(P6) Este ano ainda não.

Essa experiência nos leva a entender o que nos diz o autor, que para ajudar na leitura e escrita é preciso “Ressignificar as práticas de leitura e escrita, compreender a língua fazendo sentido”. (ORLANDI, 2002, p.15)

Isso nos prova que é imprescindível o uso da paródia para estimular a leitura e a escrita em classe com os alunos. Comprova-se isso quando ao desenvolver um trabalho dessa natureza com a paródia em classe durante nossas aulas prática no dia a dia, a leitura e a escrita são estimuladas, e o resultado da aprendizagem é bastante visível, os alunos despertam para a

leitura de forma que pensam estarem apenas brincando, cantando, mas já estão na fase da leitura e escrita de tudo que vão vendo, fazendo contato. É a fase das descobertas prazerosas do ler e escrever.

Com relação ao que elas acham, se a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?. Elas nos relataram:

(P1) Sim, ajuda porque geralmente o conteúdo de Língua Portuguesa principalmente para ler porque torna prazeroso o momento de aprender.

(P2) Sim, porque muda a forma de ensinar e a aprendizagem se torna mais simples e eficaz.

(P3) Sim, porque fica a paródia torna o ambiente alegre e todos acabam se envolvendo, e no brincar, cantar a aprendizagem flui normalmente de forma significativa.

(P4) Sim, sob a forma de músicas que trazem em si mensagens, sociais, políticas e morais, que introduzem comportamentos, opiniões, que consolidam valores, as letras musicais podem contar histórias, construir personagens etc, tudo isso ajuda a despertar interesse nos alunos, e uma vez estimulados, reagem melhor aos conteúdos apresentados.

(P5) Sim, acho que ajuda porque desenvolve a escrita e a criatividade dos alunos.

(P6) Sim, a paródia pode ter um lado crítico que acaba atraindo ainda mais o interesse do aluno.

Considerando o que destacam as professoras, entende-se que a música e a criação de paródias como um recurso didático com caráter lúdico, faz com que se forme um elo entre o conhecimento e a descontração, aproximando mais rápido e melhor o conhecimento para os alunos.

Ao se questionar, que dificuldades você encontra (pontos positivos e negativos) para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?. A verbalização da (P1) foi a seguinte:

Em relação aos pontos positivos posso destacar: o momento alegre, prazeroso e envolvente com que as crianças demonstram ao estar no momento da aula, e esperam outros momentos, e como negativos é por ser uma turma grande a metodologia vezes fica difícil de envolver à todos, alguns se distraem.

Já para a (P2), a colocação é assim:

Os pontos positivos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia é porque se dá de forma lúdica e prazerosa, enquanto que o ponto negativo é a dificuldade de fazer com que todos os alunos se concentrem e disponham de ideias para compor, por exemplo, uma letra para alguma música, para um canto.

Através dessa relação com o universo simbólico, os alunos podem se concentrar mais e produzir as paródias utilizando “sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem”. (ORLANDI, 2002, p. 38)

Dessa forma, entende-se que as dificuldades podem aos pouco serem superadas no contexto escolar.

A professora destacada por (P3) assim cita:

A dificuldade para ensinar leitura e escrita com paródia pode-se dizer que como ponto negativo é leva-los a fazer uma reflexão crítica a respeito do que acontece com o que se quer abordar no assunto da paródia. E como positivo, é interessante ver o humor dos alunos ao participarem do fazer, pois aumenta a vontade de aprender, construir e produzir outras paródias depois que constroem uma paródia.

Considerando a mesma pergunta, a professora indicada por (P4) explica que:

A maior delas tem sido a dificuldade de compreensão dos sentidos das palavras dentro dos textos, então trabalho bastante o vocabulário, tentando ampliar o conhecimento semântico dos alunos. Como pontos positivos: As letras musicais podem servir de ponte para a formação de leitores e produtores de textos, pois podem ser trabalhados através das letras parodiadas vários aspectos da língua como fonológicos, lexicais, morfossintáticos e semânticos, argumentação, a relação do senso crítico, estímulo a leitura e a escrita, contribuição para a socialização, resgate da autoestima, valorização da produção artística e cultural dos alunos, e estímulo a criatividade.

Por conta do mesmo questionamento, em relação às dificuldades para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia. Refere-se a professora (P5) que nos expõe; “Não posso opinar porque ainda não trabalhei o gênero paródia com os alunos”.

Diante deste pronunciamento, acredita-se como Orlandi, (2002, p. 38) também afirma que “A escola, enquanto lugar de reflexão, é um lugar fundamental para a elaboração dessa experiência, a autoria, na relação com a linguagem”. Por isso, a escola deve propor alternativas diferenciadas em suas orientações pedagógicas. E a paródia é relevante, não deve ser omitida e desconhecida dos professores, muito menos excluída das aulas.

Enquanto que a última professora (P6) diz que: “A dificuldade na verdade é o desinteresse pela leitura e escrita independentemente do gênero”.

Esse exemplo cotidiano nos mostra como a música estimula a paródia em nossa vida, diversificadamente, constitui-se ferramenta de aprendizado, um instrumento de ligação, assimilado pela mente humana, e pelos alunos como um exercício de aprendizagem significativo.

Em contrapartida se buscou saber se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?. Elas se pronunciaram, iniciando pela (P1) onde relatou que:

Sim, percebi que estimula muito a aprendizagem e melhora consideravelmente a leitura e a escrita dos mesmos, pois a paródia leva a interpretação de que se pode mudar, por exemplo, a letra da musica e adotar outro contexto, conteúdo, podendo realizar a leitura e a escrita por prazer e não no sentido de obrigação.

A autoria de uma paródia, deve garantir uma linguagem representada pela sua origem, onde se produz um texto com unidade e coerência para se atingir ao objetivo do que é realmente uma paródia. É certo que na escola, desde os anos iniciais, o aluno é instigado a produzir textos, que na maioria das vezes se fecham para novos sentidos. É bem verdade que ao ingressar na escola, o aluno já produz textos orais, devendo a escola fazer essa ponte entre a oralidade e a escrita no trabalho inter e transdisciplinar com o gênero paródia.

Outro sim, perguntou-se também a (P2) que relatou: “R: Sim, consideravelmente. Hoje peço que eles escolham o que assunto da disciplina e aos pouco vamos na sala de aula montando o contexto, seja para uma peça teatral, para uma música, um recital, etc”.

A resposta da professora indicada por (P3) é de que melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia. E diz:

Sim, já vem se trabalhando desde o primeiro bimestre deste ano e percebe-se que a metodologia usada com o gênero é interessante e ajuda consideravelmente os alunos a ler e a escrever, no momento de serem brincando para construir, escrever e ler o que se está discutindo enquanto assunto em uma disciplina.

Para nos esclarecer a questão, a professora referida como (P4) assim nos coloca:

Acredito que sim, mesmo sendo um trabalho a longo prazo, porque não se muda uma realidade da noite para o dia, mas a paródia ajuda bastante, desde que se escolha letras musicais que dialogam com o cotidiano do aluno, isso faz com que eles se soltem, participem mais, muda a rotina e estimula, e os alunos estimulados produzem bons resultados.

Outra professora designada por (P5) nos responde: “Como disse na questão anterior ainda não trabalhei”.

Ao percebermos este pronunciamento, nos incomodamos, pois o aluno que encontramos hoje em nossas escolas, mais especificamente na escola pública, é um novo aluno com realidades que exigem um outro posicionamento da escola diferenciado, que responda por seus anseios, e nisso o professor deve assumir a postura de poder trabalhar diferentes contextos e de forma interdisciplinares para que se atinja o objetivo da

aprendizagem de forma mais significativa e proveitosa. É preciso que a escola se veja como uma grande aliada, repensando as práticas pedagógicas para que possa ter um ensino prazeroso e exitoso.

Assim, continuando, refiro-me a professora (P6) com a mesma interrogação, se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia. Ela nos informou que “Sim, costuma melhorar, inclusive o léxico dos alunos”.

Como questionamento sobre, se, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita, é Fácil, Normal, Difícil e Interessante, cada informante deu seu parecer. As professoras (P1) e (P2) responderam a alternativa “Normal”. A professora (P3) respondeu “Fácil”. As professoras (P4) e (P5) disseram que é: “Interessante”. E Encerra-se a pergunta com a (P6) que marca as alternativas “Difícil” e “Interessante”.

### **3.6.2. A Percepção dos Alunos**

Para descrever este aspecto, destaca-se abaixo a percepção das alunas quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula. Cada pergunta e as respostas das mesmas estão indicadas pelas iniciais e ainda como (A1), (A2), (A3).

Inicia-se com a aluna 1, denominada por (A1), de codinome JMSS, do 3º ano (1º Ciclo) do Ensino Fundamental, Turma: 1ª, e Turno: 1º.

A segunda aluna que recebe as iniciais como MNA, caracterizada por aluna (A2) também do mesmo ano, turma e turno.

Finalmente a aluna (A3), destacada pelas iniciais CMS, também da mesma classe e ano.

Ao iniciar a indagação com as alunas sobre a percepção delas quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula, onde se perguntou: De seu conhecimento, o que é paródia?. Elas na ordem como (A1), (A2), (A3) pronunciaram-se seguidamente: “É uma escrita engraçada que agente faz de um texto de uma situação”. A seguinte diz “É uma leitura animada que se faz de um texto ou se canta em uma música”. E a terceira aluna nos diz “Não sei o que é, só sei que a professora falou que paródia é um jeito de aprender brincando”.

Com relação ao que as alunas acham se as músicas compoendo a paródia, podem ser usadas para aprender conteúdos escolares?. Elas todas responderam que “sim”, sendo complementado pela (A1) que “A professora fez uma música com a letra de um texto e cantamos, ai aprendi melhor o assunto”. A segunda discente, destinada por (A2), citou “Aprendi mais quando cantamos e a professora disse que era paródia que estávamos

aprendendo”. A última aluna, identificada por (A3) respondeu que “Acho que agente aprende melhor o assunto que a professora ensina”.

Para compreendermos o que as alunas nos colocam, refere-se ao que os PCN (1997) nos explicam, onde “entendendo a música como uma linguagem, ela, por mais que não possa parecer, também deve ser objeto de apreciação em aulas de língua portuguesa, uma vez que o que deve ser trabalhando nas aulas de língua portuguesa são as práticas de linguagem, ou seja, as diversas formas de uso da linguagem (e de linguagens) na sociedade.

A música deve fazer parte do currículo da educação básica, nada impede sua inserção como instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, pois através da música e da paródia os estudantes são estimulados a serem mais autônomos e abertos a novas experiências intelectuais. O grande desafio para o professor ao trabalhar com a música é unir a aprendizagem com a emoção e assim, abrir caminhos para que o aluno sinta-se motivado e possa integrar o domínio afetivo com o cognitivo.

Ao argumentar sobre o que acha da paródia usada na aula de Língua Portuguesa se ajuda a aprender melhor o conteúdo? Por quê?. Elas informaram que “Sim”. Sendo que a aluna (A1) explica que é “Porque é mais divertido com paródia e agente entende e aprende mais coisas”. A segunda, (A2) citou que “Ajuda melhor a aprender o conteúdo porque fica mais fácil pra entender a aula e outras coisas já estudadas”. E a terceira aluna afirma que “É melhor porque o assunto fica mais fácil de aprender”.

Percebe-se isso na colocação de Orlandi, (2002, p. 11) ao falar sobre os aspectos implícitos na leitura, afirmando:

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas, etc.

E ainda o autor prossegue argumentando que:

[...] podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que os outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros (existentes, possíveis ou imaginários).

Continuando a entrevista, quando interroguei, se na sua opinião, a aula fica mais motivante quando é apresentada uma paródias? Por quê?. Elas três responderam que “Fica sim”. Onde a primeira aluna (A1), coloca que é “Porque é uma aula animada e agente aprende

rápido, todos os alunos juntos”. A segunda aluna (A2), relatou que “A professora ensinou com paródia e a aula foi alegre, divertida e agente aprende mais rápido”. A terceira (A3), citou que “A paródia faz a aula ser animada, com alegria e se aprende o assunto brincando”.

Outro aspecto indagado foi sobre se gostaria de aprender a fazer paródias?. Elas todas pronunciaram que “Gostaria Sim”.

Perguntei também se gostaria de ter mais aulas diversificadas com paródias? Por quê?. Elas verbalizaram que “Sim”, sendo que a primeira (A1), porque com a paródia o assunto fica mais divertido para aprender quando agente canta. A segunda (A2), citou “Gostaria para que as aulas fossem mais alegres e com músicas”. E a terceira (A3), diz que “Gostaria, mas são poucas aulas assim com paródia”.

Diante da colocação, percebe-se que o assunto repassado através da paródia realizada com a música como recurso pedagógico, é uma maneira simples, dinâmica e contextualizada, de aproximar a realidade dos estudantes, ajudando-os no diálogo entre professor e aluno e favorecendo também a interdisciplinaridade.

Indaguei sobre que dificuldades vocês encontraram, diga os pontos positivos e negativos deste trabalho. A aluna (A1) respondeu destacando que, “O positivo foi ir escrevendo o texto com a ajuda da professora, e o negativo foi aprender o assunto no ritmo da música só naquele dia, podia ser mais dias com a paródia”. A discente identificada por (A2) pronunciou que “O ponto positivo foi aprender com a paródia, e o negativo é a dificuldade para montar a paródia”. E a terceira aluna denominada por (A3) expressa que “Os pontos positivos são porque a aula fica diferente, alegre e agente aprende com mais vontade. E os negativos são porque são poucas aulas com paródia, e eu ainda não sei fazer paródia”.

Orlandi, (2002, p. 11) nos fala sobre a questão da noção de leitura e afirma que [...] “a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente”. Então, essas dificuldades devem ser bem trabalhadas para que sejam superadas com aprendizagem.

Para isso, ainda se indagou “melhorou sua compreensão sobre o conteúdo abordado na paródia?. Todas as alunas responderam que “Sim, melhorou”. A primeira aluna complementa que “Foi mais fácil para compreender o conteúdo que a professora passou”. A segunda disse “Melhorou, foi mais fácil para entender cantando”. E a última aluna descreve que “Melhorou, aprendo melhor, mas tenho ainda dificuldade de entender como fazer uma paródia”.

Ao serem indagadas “Para você o compor uma paródia com letra voltada ao conteúdo de Língua Portuguesa foi?”. Em uma série de alternativas como: Fácil, Normal, Difícil e

Interessante; as alunas (A1) e (A3) marcaram a alternativa “Difícil”, enquanto que a aluna denominada por (A2) marcou a alternativa “Interessante”.

Para saber “Como você se sentiu após ter sido capaz de compor a paródia?. As alunas (A1) e (A3) marcaram a opção “Alegre”, enquanto que apenas a aluna (A2) assinalou a alternativa “Surpresa”.

Para se compreender melhor a questão, Orlandi (2002, p. 80) descreve que “a escola deve propiciar essa passagem - enunciação/autor, de tal forma que o aprendiz possa experimentar práticas que façam com que ele tenha o controle dos mecanismos com os quais está lidando quando escreve”. Esses mecanismos, segundo Orlandi (2002) são do domínio do processo discursivo e do domínio dos processos textuais. O aluno se constitui como autor através do processo discursivo e marca sua prática como autor através do domínio dos processos textuais. A escola deve ser então um espaço de autoria formando autores capazes de produzir textos que tenham unidade, clareza e responsáveis pelo seu dizer.

Para encerrar a entrevista questioneei “Uma aula de Língua Portuguesa com o assunto abordado por meio da música torna-se?. As alunas (A1) e (A3) optaram por marcar a alternativa “Interessante”, e a segunda (A2) assinalou escolhendo “Estimulante”.

Entende-se que essa flexibilidade no ensino, porém, não se torna suficiente para garantir o sucesso na aprendizagem. São muitos os casos de alunos que concluem o Ensino Fundamental conhecendo apenas letras e apresentando leitura silábica. A metodologia utilizada para o trabalho com o texto, ainda hoje, em muitas escolas pauta-se somente na “leitura e interpretação” que não vai para além da superfície linguística, excluindo outras formas de linguagem levando em consideração apenas a linguagem verbal.

Sobre isso, Orlandi (2002, p. 38) diz:

A escola, no entanto, evita, escrupulosamente, incluir em sua reflexão metodológica e em sua prática pedagógica a consideração de outras formas de linguagem que não a verbal e, no âmbito dessa, dá mais valor à escrita que à oralidade. Isso representa a expressão do maniqueísmo escolar, que vê em outras formas de linguagem sua manifestação rebaixada. Não se trata da capacidade de compreensão do aluno e, no interior desta, da sua capacidade de compreender textos escritos.

Diante disso, acredita-se que o aluno não lê só na escola, lê fora dela também. Poderíamos até dizer que é mais fora da escola que lê, nas redes sociais, em mensagens, em sites de pesquisas, em acesso a vídeos e outros. A escola deve relacionar a vivência s que os alunos trazem e partir delas, trabalhar a leitura na escola oportunizando diferentes gêneros textuais, e dentre eles a paródia, a fim de que não se cobre como “obrigação”, mas como descoberta de múltiplos sentidos e entendimentos por parte dos alunos.

Pode-se dizer que a fala dos alunos se relaciona a de professores, no sentido de que a metodologia utilizada com o uso da paródia, permite aos alunos uma maior troca de informação, mostrando que a fundamentação teórica pode ser trabalhada de diferentes formas e gêneros para que se possa minimizar as dificuldades de leitura e escrita de alunos. Vale citar que nas falas, tanto de alunos como de professores a dificuldade dos alunos aprenderem a ler, no entanto quando é usada a paródia nas aulas, os alunos falam que a aula é mais divertida, se aprende e ai entende-se que as aulas são e ainda estão carregadas na prática de assimilar conteúdos referentes às disciplinas, o que demonstra o reflexo de uma prática conteudista marcada pela memorização mecânica o que torna o processo de ensino-aprendizagem desinteressante levando ao baixo rendimento escolar.

Finalmente, diante do exposto pelos alunos e professores, entende-se que o uso da paródia em sala de aula, é um importante recurso metodológico que pode ser benéfico no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando no desenvolvimento cognitivo, na promoção do trabalho em equipe, facilitando o entendimento de conceitos trabalhados dinamizados, tornando o ambiente mais agradável e propício à aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa exposição pretendeu apresentar uma análise com base no discurso dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, como avaliam a utilização do gênero textual paródia como instrumento pedagógico no processo de ensino e de aprendizagem da leitura.

Diante dos resultados obtidos nas falas, acredita-se que o objetivo citado tenha sido atingido, uma vez que os alunos em suas falas demonstraram predisposição, entendimento e entusiasmo ao citar a aprendizagem desenvolvida durante as atividades realizadas em classe com o gênero paródia.

Pode-se dizer que, na fala das professoras, em sua maioria já trabalha o gênero em classe, já faz essa relação do ensino com uma maior dinamização na aplicação dos conteúdos para obter uma aprendizagem significativa. Nisso, a paródia, como objeto deste estudo, é uma alternativa de baixo custo, uma oportunidade para os alunos estabelecerem relações interdisciplinares de forma lúdica, prazerosa, e que traz inúmeros benefícios no processo ensino-aprendizagem dos alunos no 3ª ano do Ensino Fundamental no sentido principalmente da leitura e escrita.

Ainda reitera-se que mesmo os professores já trabalhem os conteúdos na prática pedagógica com o gênero paródia, enfatiza-se a necessidade de possibilitar a criação de novas estratégias de ensino com ao gênero, de forma *dinâmica*, multidisciplinar entre as disciplinas.

Por fim conclui-se que ao se trabalhar o gênero paródia, os alunos podem observar ainda que a língua portuguesa não se pauta em construções rígidas ou fechadas, mas que com ela, pode-se criar, aprender e se divertir. Com maior prática entre as áreas de letras de músicas, ainda é possível propor aos alunos a composição de músicas novas que podem ser apresentadas em pequenos shows na escola ou na cidade em eventos.

Espera-se, com esta pesquisa, ter contribuído para os estudos do gênero textual paródia, para com a academia, acadêmicos, professores e alunos que participaram desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria Lúcia. **A Paródia em “A Força do destino”**. Revista Tempo Brasileiro (Rio de Janeiro), nº 62. Rio de Janeiro, julho-setembro de 1980.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura**. Campinas: Summus, 2012.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.
- BONINI, Adair. **Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. Trabalhos em Lingüística aplicada** n.37, p.7-23. Campinas: UNICAMP, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais; terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: LP**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 55.
- CARDOSO, Beatriz e EONIR, Madza. **Ler e escrever muito prazer**. Ática, 1993.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. RJ: Vozes, 2010.
- DELL’ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. RJ: Lucerna, 2007.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Editora Cortez. 15ª Ed. SP, 2004.
- FONSECA, Alex-Sandra de Assis Simão. **O gênero discursivo conto fantástico no processo sócio cognitivo de leitura e escrita**. [Dissertação]. SP: Universidade de Taubaté, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2ªed. SP: Olho d’água, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A importância do Ato de ler: três artigos que se completam**. 47ed. SP: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ed. SP: Atlas, 2010.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- KISHIMOTO, M T. **Jogos, Brinquedos e a Educação (Org)**. 14 Ed-SP: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Ângela. **Ação e mudança na sala de aula:** uma pesquisa sobre letramento e interação In: ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado das letras, 1998.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. 3ed. SP. 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. SP: Ática, 2002.

LOPES-ROSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In.: KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECSKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher (organização); Luiz Antônio Marcuschi... [et al.]. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 71.

LUDKE, M., & André, M. E. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. SP: EPU. 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATA, Lourdes. **A Descoberta da Escrita**. Lisboa: Ministério da Educação. 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RONCA, P. A. C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. SP: Edisplan, 1989.

SANTA'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. 8.ed. SP: Ática, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: **fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura**. 6.ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1992.

SIMÕES, Alan. **O gênero paródia em aulas de Língua Portuguesa:** uma abordagem criativa entre letra e música. In/; Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_006.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_006.pdf)>. Acesso em: 14 Fev. 2018.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de Leituras**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 194 p.

TEBEROSKY, Ana & FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

TEIXEIRA, C. E. J. **A Ludicidade na Escola**. São Paulo: Loyola, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## **APÊNDICES**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS DE CASTANHAL**  
**FACULDADE DE PEDAGOGIA**  
**PARFOR – PEDAGOGIA**

**MARIA LUIZA DA SILVA MENDONÇA**

**O USO DA “PARÓDIA” NAS PRÁTICAS DE LEITURA:** uma análise a partir do olhar dos alunos do 3º ano (1º Ciclo) de uma escola pública de Castanhal (PA)

**QUESTÕES COM RESPOSTAS**

Castanhal – PA  
2018

## QUESTIONÁRIO: ALUNO 1

Nome: José Maria Sousa Santos - Série: 3º ano (1º Ciclo)

Turma: 1ª - Turno: 1º

### Percepção dos alunos quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: É uma escrita engraçada que agente faz de um texto de uma situação.

2. Você acha que as músicas com a letra de uma paródia, podem ser usadas para aprender conteúdos escolares?

R: Sim, a professora fez uma música com a letra de um texto e cantamos, ai aprendi melhor o assunto.

3. Você acha a paródia usada na aula de Língua Portuguesa te ajuda a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim. Porque é mais divertido com paródia e agente entende e aprende mais.

4. Na sua opinião, a aula fica mais motivante quando é apresentada uma paródia? Por quê?

R: Fica porque é uma aula animada e agente aprende rápido, todos os alunos.

5. Você gostaria de aprender a fazer paródias?

R: Gostaria.

6. Gostaria de ter mais aulas diversificadas com paródias? Por quê?

R: Sim, porque com a paródia o assunto fica mais divertido para aprender.

7. Que dificuldades vocês encontraram, diga os pontos positivos e negativos deste trabalho.

R: O positivo foi ir escrevendo o texto com a ajuda da professora, e o negativo foi aprender o assunto no ritmo da música.

8. Melhorou sua compreensão sobre o conteúdo abordado na paródia?

R: Sim, foi mais fácil para compreender o conteúdo que a professora passou.

9. Para você o compor uma paródia com letra voltada ao conteúdo de Língua Portuguesa foi?

( ) Fácil ( ) Normal ( X ) Difícil ( ) Interessante

10. Como você se sentiu após ter sido capaz de compor a paródia?

( ) Normal ( X ) Alegre ( ) Surpreso ( ) Realizado

11. Uma aula de Língua Portuguesa com o assunto abordado por meio da música torna-se?

( X ) Interessante ( ) Estimulante ( ) Indiferente ( ) Desestimulante

## QUESTIONÁRIO: ALUNO 2

Nome: Maria das Neves Assunção – Série: 3º ano (1º Ciclo)

Turma: 1ª - Turno: 1º

### Percepção dos alunos quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: É uma leitura animada que se faz de um texto ou se canta em uma música.

2. Você acha que as músicas compondo a paródia, podem ser usadas para aprender conteúdos escolares?

R: Sim. Aprendi mais quando cantamos e a professora disse que era paródia que estávamos aprendendo.

3. Você acha a paródia usada na aula de Língua Portuguesa te ajuda a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, ajuda melhor a aprender o conteúdo porque fica mais fácil pra entender a aula.

4. Na sua opinião, a aula fica mais motivante quando é apresentada uma paródias? Por quê?

R: Sim, a professora ensinou com parodia e a aula foi alegre, divertida e agente aprende mais rápido.

5. Você gostaria de aprender a fazer paródias?

R: Sim.

6. Gostaria de ter mais aulas diversificadas com paródias? Por quê?

R: Gostaria para que as aulas fossem mais alegres.

7. Que dificuldades você encontraram, diga os pontos positivos e negativos deste trabalho.

R: O ponto positivo foi aprender com a parodia, e o negativo é a dificuldade para montar a parodia.

8. Melhorou sua compreensão sobre o conteúdo abordado na paródia?

R: Sim, melhorou, foi mais fácil para entender cantando.

9. Para você o compor uma paródia com letra voltada ao conteúdo de Língua Portuguesa foi?

( ) Fácil ( ) Normal ( ) Difícil ( X ) Interessante

10. Como você se sentiu após ter sido capaz de compor a paródia?

( ) Normal ( ) Alegre ( X ) Surpreso ( ) Realizado

11. Uma aula de Língua Portuguesa com o assunto abordado por meio da música torna-se?

( ) Interessante ( X ) Estimulante ( ) Indiferente ( ) Desestimulante

### QUESTIONÁRIO: Aluno 3

Nome: Claudia Maria Santos - Série: 3º ano (1º Ciclo)

Turma: 1ª - Turno: 1º

#### Percepção dos alunos quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: Não sei o que é, só sei que a professora falou que paródia é um jeito de aprender brincando.

2. Você acha que as músicas compondo a paródia, podem ser usadas para aprender conteúdos escolares?

R: Acho que agente aprende melhor o assunto que a professora ensina.

3. Você acha a paródia usada na aula de Língua Portuguesa te ajuda a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: É melhor porque o assunto fica mais fácil de aprender.

4. Na sua opinião, a aula fica mais motivante quando é apresentada uma paródias? Por quê?

R: Fica, a paródia faz a aula ser animada e se aprende o assunto brincando.

5. Você gostaria de aprender a fazer paródias?

R: Sim.

6. Gostaria de ter mais aulas diversificadas com paródias? Por quê?

R: Gostaria, mas é pouca aulas assim com paródia.

7. Que dificuldades você encontraram, diga os pontos positivos e negativos deste trabalho.

R: Os pontos positivos são porque a aula fica diferente, alegre e agente aprende com mais vontade. E os negativos são porque são poucas aulas com paródia, e eu ainda não sei fazer paródia.

8. Melhorou sua compreensão sobre o conteúdo abordado na paródia?

R: Melhorou, aprendo melhor, mas tenho ainda dificuldade de entender com parodia.

9. Para você o compor uma paródia com letra voltada ao conteúdo de Língua Portuguesa foi?

( ) Fácil ( ) Normal ( X ) Difícil ( ) Interessante

10. Como você se sentiu após ter sido capaz de compor a paródia?

( ) Normal ( X ) Alegre ( ) Surpreso ( ) Realizado

11. Uma aula de Língua Portuguesa com o assunto abordado por meio da música torna-se?

( X ) Interessante ( ) Estimulante ( ) Indiferente ( ) Desestimulante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) -1

Professor (a): Maria Lucia Azevedo

Endereço: Rua Manoel Manoim - Idade: 44 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 23

Formação: Licenciatura em Pedagogia

Total de alunos na classe: 24 - Sexo: ( X ) Feminino ( X ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( ) 09 à 11

( X ) 11 à 13

( ) 13 à 15

( ) 15 à 17

### Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: A paródia é um gênero textual usado na sala de aula para familiarizar o aluno do assunto, através de uma forma cômica, alegre e divertida para a aprendizagem. A paródia surge a partir de uma nova interpretação, da recriação de uma obra á existente e, em geral, consagrada. Seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto, passando diferentes versões para um lado mais despojado, e aproveitando o sucesso da obra original para passar um pouco de alegria.

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: Sim, faço sempre para estimular a escrita e a leitura de forma que pareça estar brincando.

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, ajuda porque geralmente o conteúdo de Língua Portuguesa principalmente para ler porque torna prazeroso o momento de aprender.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: Em relação aos pontos positivos posso destacar: o momento alegre, prazeroso e envolvente com que as crianças demonstram ao estar no momento da aula, e esperam outros momentos, e como negativos é por ser uma turma grande a metodologia vezes fica difícil de envolver à todos, alguns se distraem.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Sim, percebi que estimula muito a aprendizagem e melhora consideravelmente a leitura e a escrita dos mesmos, pois a paródia leva a interpretação de que se pode mudar, por exemplo, a

letra da musica e adotar outro contexto, conteúdo, podendo realizar a leitura e a escrita por prazer e não no sentido de obrigação.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( ) Fácil ( X ) Normal ( ) Difícil ( ) Interessante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) - 2

Professor (a): Mariângela Cardoso Gonçalves

Endereço: Rua Euzébio Foreliza - Idade: 40 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 22 anos

Formação: Licenciatura em Letras e Pedagogia

Total de alunos na classe: 25 - Sexo: ( X ) Feminino ( X ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( ) 09 à 11                    ( X ) 11 à 13                    ( ) 13 à 15                    ( ) 15 à 17

### Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: É quando se utiliza a estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado, é um novo contexto empregado à estrutura do que já existia.

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: Sim.

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, porque muda a forma de ensinar e a aprendizagem se torna mais simples e eficaz.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: Os pontos positivos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia é porque se dá de forma lúdica e prazerosa, enquanto que o ponto negativo é a dificuldade de fazer com que todos os alunos se concentrem e disponham de ideias para compor por exemplo uma letra para alguma música, para um canto.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Sim, consideravelmente. Hoje peço que eles escolham o que assunto da disciplina e aos pouco vamos na sala de aula montando o contexto, seja para uma peça teatral, para uma música, um recital, etc.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( ) Fácil ( X ) Normal ( ) Difícil ( ) Interessante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) - 3

Professor (a): Olga do Nascimento Bezerra

Endereço: Rua Euzébio Foreliza - Idade: 41 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 18

Formação: Concluindo a Licenciatura em Pedagogia

Total de alunos na classe: 24 - Sexo: ( X ) Feminino ( X ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( X ) 09 à 11

( ) 11 à 13

( ) 13 à 15

( ) 15 à 17

### **Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.**

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: A paródia é uma atividade que ocorre a recriação de um texto, no entanto, o autor se apropria de um discurso já existente e opõe-se a ele. Este tipo de intertextualidade é baseado em um caráter contestador. Há uma desvirtuação do discurso original, seja para criticá-lo ou para marcar uma ironia ou sarcasmo.

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: Sim, mas muitos alunos tem bastante dificuldade de criar e adaptar um contexto para outra situação podendo chacoalhar, arremedar, zoar com algo ou alguém em uma determinada situação.

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, porque fica a paródia torna o ambiente alegre e todos acabam se envolvendo, e no brincar a aprendizagem flui normalmente de forma significativa.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: A dificuldade para ensinar leitura e escrita com paródia pode-se dizer que como ponto negativo é leva-los a fazer uma reflexão crítica a respeito do que acontece com o que se quer abordar no assunto da paródia. E como positivo, é interessante ver o humor dos alunos ao participarem do fazer, pois aumenta a vontade de aprender, construir e produzir outras paródias depois que constroem uma paródia.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Sim, já vem se trabalhando desde o primeiro bimestre deste ano e percebe-se que a metodologia usada com o gênero é interessante e ajuda consideravelmente os alunos a ler e a

escrever, no momento de estarem brincando para construir, escrever e ler o que se está discutindo enquanto assunto em uma disciplina.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( X ) Fácil ( ) Normal ( ) Difícil ( ) Interessante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) – 4

Professor (a): Alda Maria

Endereço: Rua Euzébio Foreliza - Idade: 39 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 20 anos

Formação: Licenciatura em Pedagogia

Total de alunos na classe: 24 alunos - Sexo: ( X ) Feminino ( X ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( X ) 09 à 11

( X ) 11 à 13

( ) 13 à 15

( ) 15 à 17

### Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: É uma reescrita de alguma obra que com frequência utiliza o cômico ou o crítico geralmente é parecida com a obra original, mas com sentido diferente.

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: Sim. Porque acredito que esse método, por tratar-se de construções intencionais de textos que transmitem uma mensagem e não apenas textos lúdicos acabam facilitando o aprendizado de modo geral.

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, sob a forma de músicas que trazem em si mensagens, sociais, políticas e morais, que introduzem comportamentos, opiniões, que consolidam valores, as letras musicais podem contar histórias, construir personagens etc, tudo isso ajuda a despertar interesse nos alunos, e uma vez estimulados eles reagem melhor aos conteúdos apresentados.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: A maior delas tem sido a dificuldade de compreensão dos sentidos das palavras dentro dos textos, então trabalho bastante o vocabulário, tentando ampliar o conhecimento semântico dos alunos. Como pontos positivos: As letras musicais podem servir de ponte para a formação de leitores e produtores de textos, pois podem ser trabalhados através das letras parodiadas vários aspectos da língua como fonológicos, lexicais, morfossintáticos e semânticos, argumentação, a relação do senso crítico, estímulo a leitura e a escrita, contribuição para a socialização, resgate da autoestima, valorização da produção artística e cultural dos alunos, e estímulo a criatividade.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Acredito que sim, mesmo sendo um trabalho a longo prazo, porque não se muda uma realidade da noite para o dia, mas a paródia ajuda bastante, desde que se escolha letras musicais que dialogam com o cotidiano do aluno, isso faz com que eles se soltem, participem mais, muda a rotina e estimula, e os alunos estimulados produzem bons resultados.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( ) Fácil ( ) Normal ( ) Difícil ( X ) Interessante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) – 5

Professor (a): Márcia Moraes Modesto

Endereço: Passagem Simão Jatene, n° 260, bairro Cariri - Idade: 34 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 13 anos

Formação: Graduanda em Letras, habilitação em Língua Portuguesa

Total de alunos na classe: 23 alunos - Sexo: ( X ) Feminino ( ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( X ) 09 à 11 ( ) 11 à 13 ( ) 13 à 15 ( ) 15 à 17

### Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: Paródia é uma nova composição a partir da letra de uma música já conhecida

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: nunca trabalhei

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, acho que ajuda porque desenvolve a escrita e a criatividade dos alunos.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: Não posso opinar porque ainda não trabalhei o gênero paródia com os alunos.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Como disse na questão anterior ainda não trabalhei.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( ) Fácil ( ) Normal ( ) Difícil ( X ) Interessante

## QUESTIONÁRIO – PROFESSOR (A) – 6

Professor (a): Francisca Varela

Endereço: Alameda Margarida II- Cariri - Idade: 39 anos

Tempo de Atuação como Professor (a): 09 anos na educação

Formação: Magistério e Língua Portuguesa

Total de alunos na classe: 27 - Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade com a qual trabalha:

( X ) 09 à 11                    ( ) 11 à 13                    ( ) 13 à 15                    ( ) 15 à 17

### **Percepção dos professores quanto ao uso do gênero paródia em sala de aula.**

1. De seu conhecimento, o que é paródia?

R: Parodia é gênero que consiste na releitura de uma obra (música, poema, etc.), já existente e tem cunho cômico, crítico ou irônico.

2. Você ensina os alunos a fazer paródias como estímulo para ler e escrever?

R: Este ano ainda não.

3. Você acha que a paródia usada na aula de Língua Portuguesa ajuda os alunos a aprender melhor o conteúdo? Por quê?

R: Sim, a paródia pode ter um lado crítico que acaba atraindo ainda mais o interesse do aluno.

4. Que dificuldades você encontrara, diga os pontos positivos e negativos para ministrar aulas de leitura e escrita com o gênero paródia?

R: A dificuldade na verdade é o desinteresse pela leitura e escrita independentemente do gênero.

5. Você sabe se melhorou a leitura e a escrita dos alunos com o apoio da paródia?

R: Sim, costuma melhorar, inclusive o léxico dos alunos.

6. Para você, o compor uma paródia com letra voltada a leitura e escrita?

( ) Fácil ( ) Normal ( X ) Difícil ( X ) Interessante

## **ANEXO**

## **6. TEMA: Concluintes do Parfor**

Autora: Maria Luíza Mendonça

A lua sai de madrugada, sai dançando só  
Eu danço acompanhada com a turma do  
Parfor

Oh Lua, lua, lua  
Vem junto conosco  
Vem pra dançar

Oh Lua, lua, lua  
Vem junto conosco  
Vem clarear

Oh Lua, lua, lua  
Vem junto conosco  
Vem pra dançar

Oh Lua, lua, lua  
Vem junto com a turma da UFPA

Quem disse que essa dança, a gente  
dança só  
Eu danço acompanhada com a turma  
do Parfor  
Oh Lua, lua, lua...

A turma que está dançando esse  
carimbo

São os universitários concluintes do  
Parfor  
Oh Lua, lua, lua...

# Paródias Educativas

MARIA LUIZA DA SILVA MENDONÇA



CASTANHAL – PARA  
2018

## 1. TEMA: Higiene e Saúde Bucal

Autora: Maria Luiza Mendonça

Eu gosto, eu gosto  
De escovar os meus dentinhos  
Pra poder ficar limpinhos.

Os meus dentinhos, bem escovados  
Ficam branquinhos, e também  
Evita cárie.

A higiene é fundamental  
Para a saúde é tão especial,  
Tomar banho diariamente  
Para você não cheira mal.

Escova e sabonete  
Tomar banho com alegria  
Pra ter mais disposição  
Ir pra aula todo dia.

Eu gosto, eu gosto,

## 2. VOA MOSQUITO

Autora: Maria Luiza Mendonça

Voa mosquito que eu quero pensar,  
Voa mosquito que eu quero pensar,  
Tu és da dengue não pode ficar,  
Tu és da dengue não pode ficar.

Toss ovos na água,  
Não pode mais botar!  
A água limpa é que é que vai ganhar

Voa mosquito que eu quero pensar,  
Voa mosquito que eu quero pensar,  
Tu és da dengue e não pode ficar,  
A água limpa é que vai ganhar.

## 3. TEMA: Homenagem a São João

Autora: Maria Luiza Mendonça

A fogueira está queimando  
Em Homenagem a São João!  
O fogo já começou, vamos gente,  
Arrastar pé neste salão.

Dança Juan com Ana Kelly  
Amanda com Luana  
Dança Ana Lara, com Antônio  
Sofia com Alan

Toca sanfona Aguiar  
Eu quero ver, quero ver  
Palha voar

A fogueira está queimando  
Em homenagem a São João,  
O fogo já começou, vamos gente  
Arrastar pé neste salão

Danças Márcus com Criallanc  
Caio com Isabela,  
Maria Geova com victor  
vanessa com Marcelo

Toca sanfona Aguiar  
Eu quero, quero ver  
Palha voar.

## 4. A HORTA

Autora: Maria Luiza Mendonça

Em cima daquela horta  
Fiz as letras, preparei o chão,  
Plantei Cobrinha, plantei chito verde,  
Pimentão e pimentão.

Vamos regar,  
Vamos regar,  
Pancada no fogo  
A água está quente vamos regar.

Na horta da nossa escola,  
Plantei tudo com muito amor,  
Plantei batata, plantei maníaco e a famosa couve-flor

Vamos regar,  
Na horta da nossa escola,  
Tudo que se planta dá,  
Cuide bem da natureza,  
Que a terra é nosso lar.

## 5. TEMA: De volta a Terra Natal

Autora: Maria Luiza Mendonça

Minha Terra tem Palmeiras,  
Onde canta o Bem-te-vi;  
As aves que lá gostavam  
Não gostavam como aqui.

Minha Terra tem Palmeiras  
Onde canta o Bo-to-vi,  
O fruto dessa Palmeira  
É o saboroso açaí.

Nossa Céu tem mais estrelas,  
Nuvem branca, Céu azul  
As estrelas são brilhantes,  
Formam o cruzado do sul.

Em casa sozinho a noite,  
Mais prazer encontro eu aqui  
Minha Terra tem Palmeiras,  
Onde Canta o Bem-te-vi.

Deus me Permitiu a vida,

Para que hoje estivesse eu aqui,

Desfrutando dos Primorça,  
Nossa Terra onde nasci,  
Avistando as Palmeiras  
Onde Canta o Bem-te-vi.